

ANIMATÓGRAFO

DIRECTOR-ANTÓNIO LOPES RIBEIRO
Nº 10 • 1$50



O MELHOR RETRATO DE NITA BRANDÃO FOI OFERECIDO AO «SEU» ANIMATÓGRAFO

A protagonista do primeiro filme português produzido pelo Bloco H. da Costa, a gentilíssima artista portuguesa que veio expressamente de Paris para interpretar a Branca de «Gado Bravo», ofereceu-nos êste lindíssimo retrato de Utudjian, com uma dedicatória que nos enternece — e que é absolutamente verdadeira. Os nossos agradecimentos.

Na capa: — LILLIAN HARVEY



Nita Brandão, sua mãi, Correia de Matos e Herbert Lippschitz á amurada do «Croix»

CHEGOU A LISBOA

Nita Brandão

protagonista do filme

Gado Bravo

Vocês naturalmente não fazem ideia nenhuma da hora a que me levantei na segunda-feira passada por causa da Nita Brandão. Pois fiquem sabendo que eram quatro e meia da madrugada quando aconteceu essa coisa horrível. Eu estava tão arrelampado com sono que me foi necessário fazer um grande esforço de memória para me lembrar em que sítio da casa estava o quarto de banho. Encontrei-o enfim, depois de ter andado pelo corredor aos tombos e uma vez lá, abri largamente as torneiras da agua fria porque considerei que só um banho ao natural poderia talvez arrancar a minha carne miserável áquela morte aparente. Entrei no banho sem que a temperatura da água me desse uma sensação determinada. Seria eu o paquete?

Pelo menos, fluctuava. Readormeci dentro de água serenamente e só acordei em Alcântara quando desci do taxi e foi necessário pagar ao «chauffeur».

* * *

O Bloco chegou ao mesmo tempo que eu. Só faltavam as máquinas de fimar e o camion do som. O resto estava completo: O director de produção excelentemente representado por Madame H. da Costa, os realizadores Max Nosseck e António Lopes Ribeiro, a linda Olly Gebauer, os assistentes Artur Duarte e Julio Vicente Ribeiro, o operador Nunes das Neves que estava preparadíssimo para filmar um famoso documentário da recepção sensacional da vedeta portuguêsa e, fina mente, a imprensa cinematográfica, vagamente representada por mim.

O paquete francês que devia trazer Nita Brandão, o *Groix*, tinha anunciado de Leixões uma pontualidade sempre duvidosa para a sua chegada a Alcântara. Já passava uma grande meia hora e não se avistava ainda absolutamente nada na linha impassível da barra. Quem tinha razão era eu, pois claro. O paquete não chegava com certeza, antes das sete e meia ou coisa parecida.

Passeámos pelo caes ao acaso, gosando o prazer obrigatório daquela manhã clara. A agua verde do Tejo excitava-nos. Falámos românticamente em tomar banho e resignámo-nos logo á impossibilidade triste do nosso desejo, lamentando apenas que a vida não estivesse organizada com bastante habilidade para raelizarmos imediatamente as fantasías que nos passam pela cabeça. Tirámos fotografias, sem finalidade, para passar o tempo. Um barco português que deslizava lentamente na água de vidro, com a sua vela gigante, provocou entusiasmados comentários de Max Nosseck. Mas os comentários foram interrompidos por alguem que já avistava um barco suspeito, que talvez fosse o *Groix*. Olhámos todos com os olhos esbugalhadíssimos para o abstracto fio de fumo que subia, lá ao longe, no ceu branco. Mas não era fácil para nós identificar a hipótese.

Um quarto de hora depois estava o caso averiguado. O tal barco era um intrujão. O *Groix* vinha atrás, muito escondido, mas vinha. Aproximou se devagar e ainda estava a uns duzentos metros do caes quando reconhecemos, debruçado na amurada, o Correia de Matos que tinha ido a Leixões esperar a nossa compatriota e dar-lhe o primeiro shake-hand de bôas vindas Saltei logo para uma jangada onde o navio devia atracar e preparei a máquina para não perder o ângulo.

Nita Brandão não se tinha esquecido de mim. Conheceu-me logo e foi ela a primeira a sorrir, contente por vêr uma cara conhecida no momento da chegada. Tinhamos travado conhecimento na Paramount, de Paris, há dois anos, quando se realizava «A Minha Noite de Nupcias».

Nita Brandão fazia um pequeno papel nêsse filme e eu que tinha lá ido por conta da Paramount de Lisboa fazer reportagens para a Imagem, tive variadíssimas ocasiões de falar-lhe. Conservei dela a melhor impressão e tive agora um sincero prazer em tornar a ve-la.

* * *

O Neves tinha inici·do já o seu documentário enquanto os guindastes içavam a escada que devia estabelecer a lig·ção entre o caes e o





A esquerda, Nita Brandão falando com o redactor de «Animatógrafo». A direita Júlio Vicente Ribeiro, Max Nosseck e Artur Duarte, no cais de Alcântara



H E R B E R T L I P P S C H I T Z E N I T A B R A N D Ã O

Resolvemos oferecer aos recem-chegados êste lindo retrato, com moldura e tudo

paquete. Max Nosseck que me tinha seguido na excursão sôbre a jangada, estava em tão animada conversa com os seus amigos de bordo que ia dando uma cambalhota perigosa com o ligeiro choque produzido pelo navio ao atracar á jangada. Entramos finalmente a bordo. Fizeram-se apresentações e ficamos a conhecer os novos e simpáticos elementos do Bloco. E' notavel a plena juventude que reina entre os componentes do Bloco.

Pelos meus calculos devem ser todos menores de trinta anos, não devendo a média ultrapassar os vinte e seis anos. Max Nosseck tem trinta anos; António Lopes Ribeiro tem vinte e seis; Olly Gebauer parece-me, quando muito, vacinada mas ainda não lhe acho cara de maioridade; os assistentes oscilam entre vinte e cinco e trinta anos; o cenógrafo Herbert Lippschitz deve ter a minha idade ou seja vinte e cinco incompletos e, Nita Brandão, se tiver vinte anos está com muita sorte. Como estão vendo, o Bloco H. da Costa tem todas as qualidades para ser o menos botas de elástico possivel. Bem sei que as idades não têem um significado absoluto nestas coisas, mas, em todo o caso, já é uma garantia.

Nita Brandão é portuguesa dos quatro costados e tem tido a sorte de passar grande parte da sua vida no estrangeiro. E' bonita e simples. Não é complicado explicar a sua beleza. Tem um corpinho fragil de adolescente, uns olhos tímidos quási medrosos e uma boquinha vermelha de expressão inquieta.

Os outros passageiros, vulgares turistes, indigentes companheiros de viagem de Nita Brandão, olhavam agora para ela, pasmados, preguntando talvez a si próprios quem seria aquela jovem portuguesinha tão festejada. Nita Brandão sobraçando um enorme ramo de lindos cravos côr de rosa que Madame H. da Costa gentilmente trouxera, parecia um pouco aflita com a frenética agitação que desenvolvíamos em volta, dela. Cumprimentos, preguntas inesperadas apresentações, fotografias, documentário cinematográfico etc... Tudo isso, atirado sem mais nem menos, à queima roupa sôbre a jóvem portuguesinha recem-chegada, atordoavam-na sensivelmente.

Depois a variante da alfândega deu-lhe um pouco de repouso. Aproveitei êsse interregno da recepção para lhe preguntar carinhosamente se tinha passado bem durante a viagem. Disse que não. Havia bastantes anos que não viajava por mar e estava desabituada. Além disso tinha-se cansado muito ultimamente em Paris com o seu vício de dançar. Frequentava alguns estúdios de dança clássica e ritmica onde tinha obtido resultados práticos interessantes.

* * *

Vocês devem estar com uma certa curiosidade em saber onde é que o nosso amigo H. da Costa foi descobrir Nita Brandão. Não lhe devia ter sido difícil. Em primeiro lugar H. da Costa possue uma espécie de cadastro de todos os portugueses que se ocupam de cinema em Portugal, ou no estrangeiro.

Além disso Nita Brandão não é positivamente uma desconhecida. O seu nome está inscrito em quási todos os «castings» dos estúdios de Paris. H. da Costa que frequenta assiduamente os meios cinematográficos de Paris devia ter tido numerosas ocasiões de encontrar Nita Brandão, principalmente na Paramount onde ela trabalhou muitas vezes desempenhando pequenos papeis não só nas versões portuguesas e espanholas que já se fizeram há poucos anos mas também em variados filmes franceses. O facto de ser portuguesa, de possuir uma figurinha elegante e uns olhos agradáveis e de actuar em estúdios franceses eram qualidade mais do que suficientes para ser notada por H. da Costa que se lembrou dela no momento oportuno. Nita Brandão trabalhou até agora modestamente e teve enfim o gôsto sempre dôce para quem espera de vêr chegar o seu momento. O arquitecto Herbert Lippschitz que vem dirigir os cenários do «Gado Bravo» tem aquele ar jóvem, sorridente e bem vestido da rapaziada que se vê habitualmente circular nos estúdios estrangeiros.

Apertei-lhe a mão com a certeza de tê-lo encontrado lá, muitas vezes nos sítios mais diferentes. Ficou muito contente com a fotografia que lhe fiz a bordo, ao lado de Nita Brandão. A' tarde quando lha mostrei disse várias vezes, embevecido com a sua figura simpática, que o acaso da minha arte fotográfica, ainda embrionária, reproduzio exactamente, que era *excelent*, que foi o termo germânico que êle encontrou, e bem, mais próximo da minha interpretação lusíada.

* * *

H. da Costa, como estamos vendo, não promete sem cumprir. O seu Bloco de producção cinematográfica está quási completamente reunido e principia a afiar os dentes para devorar o saboroso manjar das grandes aventuras.

* * *

Parecerá talvez exagêro classificar de grande aventura o produção dum filme português, em Portugal. Mas olhem que não é. Não falando já das velhas dificuldades que encontramos sempre para tudo, no nosso meio trapalhão, basta considerar o que representa de despeza e de problemas resolvidos, a presença, dentro do Bloco H. da Costa, de personalidades internacionais como Max Nosseck, Olly Gebauer, Lippschitz, Gärtner, Siegfried Arno, Phillippi etc... Os fracassos anteriormente registados na produção de filmes portugueses, empreendida por entidades experimentadas, deviam bastar largamente para amedrontar quem quer que fôsse. Mas H. da Costa não costuma fazer o que habitualmente se pode chamar uma experiência. H. da Costa habituou-se sempre a realizar ideias de que êle já conhece de antemão o resultado prático.

OLAVO

(Fotos Olavo)



O grupo da praxe. Da esquerda para a direita, Lippschitz, Vicente Ribeiro, Nosseck. M.me H. da Costa, Nita Brandão, Arthur Duarte, Correia de Matos, Olly Gebauer, Luís de Oliveira, António Lopes Ribeiro, e Alfred Nosseck.

PLANO GERAL

NACIONALISMO

O nacionalismo e o bom-senso estão na moda. Não são contudo ideias complementares que bastem para se justificarem uma à outra. Se é verdade que a boa sensatez recomenda, nestes tempos de paz perigosa e egoismo oficial, a ressurreição do espírito nacionalista, como elemento essencial de segurança e de consciência pública, o nacionalismo nem sempre é praticado com bom-senso — o que equivale a dizer: com equilíbrio.

Esse equilíbrio impõe-se no cinema, como na política. A eleição de normas equilibradas, eficazes, deve reger a elaboração de cada filme nacional — e muito mais o estabelecimento duma indústria de filmes.

Essa indústria procura estabelecer-se em Portugal, à custa de esforços particulares, que contam — no sentido de confiar, de esperar que assim seja... — com a boa vontade da governação, mas que ainda não conseguiram dela apoio ou auxílio que fôsse além das facilidades alfandegárias, essas mesmas arrancadas a ferros e sempre a título de excepção.

Não é difícil de entender que isto é desoladoramente insuficiente. Por outro lado, criam-se dificuldades, provenientes de birras internacionais a propósito de vinhos, conservas e bacalhau. Ora o cinema nada tem que ver com as razões respeitáveis e substanciosas que originam essas justíssimas represálias — e não deve, de nenhum modo, ser vítima delas. Instrumento maravilhoso de propaganda, além de valiosa mercadoria, um filme pode servir mais eficazmente os interêsses duma nação que uma remessa de latas ou de garrafas do mais exquisito «brand». Todos os grandes países assim o compreenderam e o aproveitaram. Nos Estados Unidos da América do Norte, os filmes são o terceiro producto de exportação em ordem decrescente de importância. A Alemanha não recuou perante um acôrdo vexatório (para ela, Alemanha) com a sua inimiga figadal, empregando franceses nas suas oficinas de Berlim e pagando-lhes em magníficos Rent marken, só para vender em França (5.547 cinemas, só no continente e na Argélia...) as suas produções. A U.R.S.S. a-pesar do «boycottage», das medidas de censura, da propaganda anti-soviética, exportou de 1927 a 1930, cinco milhões de rublos de película impressionada — e impressionante...

Em Portugal não se exportam filmes cinematógraficos pela poderosa razão de não se fabricarem. E não se fabricam porque o sol, a paisagem, o folclore, as touradas e a boa vontade são materiais preciosos mas insuficientes para se fazer o mais modesto documentário. E' preciso película, aparelhos, holofotes, máquinas, produtos químicos, - um rôr de coisas complicadas que se fabricam em França, na Alemanha e na América do Norte. Sem elas não é possível criar o espectáculo cinematográfico, insinuante mensageiro das qualidades pátrias. E todas elas custam os olhos da cara — e ainda por cima os «óculos» pesadíssimos dos direitos, transferências, certificados e outras alcavalas.

A criação duma indústria portuguesa de filmes internacionais seria medida de bem compreendido, sensato, equilibrado e são nacionalismo. Ela só é possível após uma penada decidida e generosa.

Permitimo-nos lembrar ao actual Govêrno o resultado insofismável duma medida que tomou: a isenção de contribuições, durante dez anos, para os prédios construídos até ao fim de 1933.

Assim como se construíram prédios por tôda a parte, com incrível rapidez, se houvesse a coragem fácil de isentar, durante cinco anos, de todos os direitos alfandegários todo o material cinematográfico importado, de isentar de todos os impostos todos os filmes portugueses considerados «de arte» por uma comissão competente a nomear, — também se produziriam filmes nacionais que nos orgulhassem e dessem dinheiro a ganhar a muito trabalhador português.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

cantar

oferecido a NITA BRANDÃO

Ainda não é mulher.

Traz o divino mistério
Das coisas
Que a vida não profanou;
Olhando-a — tenho saudade
Das ilusões que tombaram
No caminho
Que o destino me traçou.

Possui o charme sensível
Duma flôr de maravilha
Onde a abelha
Tem receio de poisar...

Ainda não é mulher.
— Não sabe ainda sorrir
Para iludir ou tentar . . .

ANTÓNIO BOTTO

PANORÂMICA

Um Livro

Foi com orgulho e excepcional agrado que lemos o último livro do nosso querido amigo e colaborador F. Alves de Azevedo, uma das raras pessoas que em Portugal se dão ao luxo de pensar e de escrever sôbre o que pensam. Noutro qualquer país, «Figuras Contemporâneas», que a livraria Peninsular teve a coragem rara de editar, marcaria um lugar definitivo dentro do panorama crítico da época. Mesmo em Portugal, onde as coisas tardam e custam a impôr-se, mas onde a verdadeira inteligência e o verdadeiro espírito forçam as más-vontades e os azedumes mais fechados, o livro de Alves de Azevedo conseguiu, em poucos dias, chamar sôbre si justíssima atenção. E' que Alves de Azevedo, libertando-se, como êle próprio o declara no prefácio, do sempiterno figurino francês, da cultura superficial do «Candide» e das «Nouvelles Littéraires», foi buscar às literaturas menos familiares da Inglaterra e da Alemanha os seus motivos de análise crítica, tratando-os com a mais elevada isenção, a mais simpática leveza, e a mais evidente autoridade.

Os seus estudos sôbre Thomas Mann, Ruskin, Walter Pater, os dois Huxley, Kayserling, Lawrence, Duhamel, Marinetti, emparceirados com curiosas notas sôbre Camilo, e críticas seguras a vultos portugueses—António Botto, Júlio Dantas e Francisco Sanches têm no livro de A. de A. a mais justa recondução às suas respectivas e tão diversas posições — são notáveis de nitidez e de simplicidade.

Alves de Azevedo é crítico excelente e bom escritor. «Figuras Contemporâneas» dá-nos a prova cabal de que o cinema só tem a ganhar com a sua presença nas suas fileiras.

O filme de Charlot

Charlie Chaplin anuncia um novo filme, que diz dever estar concluído em 1935.

Quando anunciaram a Lucien Baroux, que é um dos mais espirituosos artistas franceses, a nova sensacional, Baroux teve só êste comentário, que não traduzimos, para não lhe tirar um miligrama de sabor:

— *Encore!...*

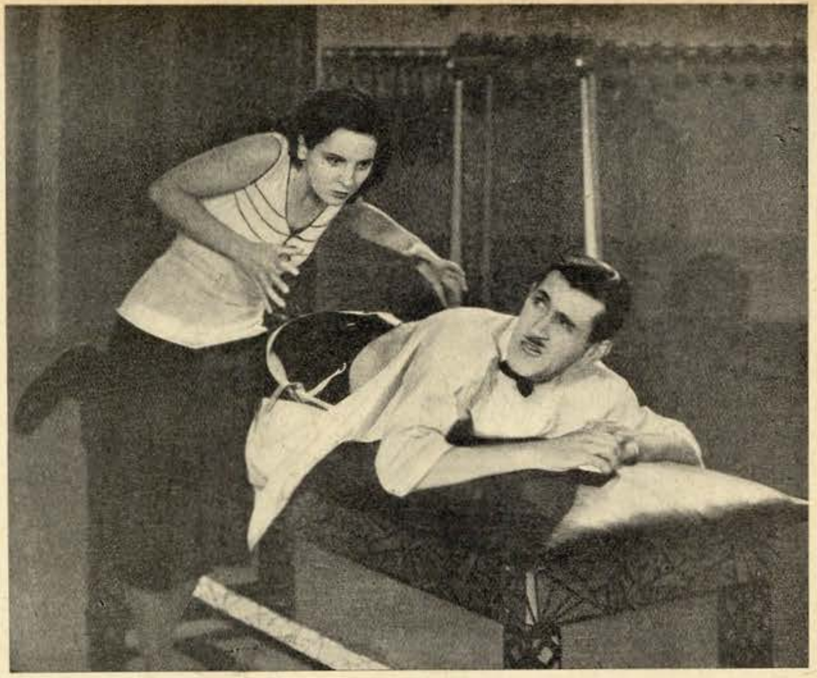
Ainda e sempre. Chaplin, o artista que atraiçoou sòrdidamente a arte que o engrandeceu, insiste na sua antipática atitude de homem que não quere dar o braço a torcer. E' triste e lamentável. Se êle fizer pesar sôbre o seu novo filme os mesmos irritantes prejuízos que embaciaram as «Luzes da Cidade», quando o virmos — aí por volta de 1937 .. — só poderemos ter a mesma reacção de revolta e de enfado que tivemos quando o «City Lights» nos apareceu cheia de publicidade, maldade e pretenções.

O cinema provou a Charlie Chaplin que podia perfeitamente passar sem êle. Charlie Chaplin — é que não pode passar sem o cinema, tal como êle é hoje, se quiser ser o que já foi: alguém.

Os cómicos VI

Mieux est de ris que de larmes escrire
Pour ce que rire est le propre de l'homme

RABELLAIS



Charlie Chase

Charlie Chase é um cómico excepcional, não no sentido de possuir extraordinários méritos, mas na acepção exacta de fazer excepção, pelo seu tipo inconfundível, á regra geral dos cómicos do ecran.

Charlie Chase personifica o «petit bourgeois», o senhor «muito fino» ridículo como só êle, mas que na rua se confunde com qualquer. Não gastou a imaginação compondo uma silhueta extravagante. E' um cómico «bem vestido», penteado a preceito, barbeado, e com um bigodinho igual a milhares de bigodinhos iguais. Parece-se, enfim, com toda a gente, e não usa sequer os óculos redondos de Harold Loyd, que já não bastam para distinguir seja quem fôr, mas que conferem aínda ao mimo milionário um ar alheio ás coisas dêste mundo, ar que Charlie Chase não quiz ter e não tem. Chase vive pelo contrário dentro delas, ligado a elas pelas necessidades cotidianas, que êle satisfaz com aplicação, regularidade e higiene. Não se coloca fóra da lei ou da moral em qualquer atitude ou reacção. E' cordato, sensato, temente da autoridade e da divindade, tira o chapéu quando fala com senhoras e porta-se bem á mesa. Vai mais longe: tem conversa e possui prendas de sala, da ordem do «charleston» e da recitação. Em resumo: é banal — aflitiva, desoladoramente banal.

Calcule-se quanto é preciso de talento para se fazer rir os semelhantes sem recorrer a qualquer expediente grosseiro ou subtil, a qualquer baixeza ou refinamento.



O sorriso inconfundível de Charlie Chase

Os homens riem fàcilmente da miséria, do exagêro, do despropósito, da loucura (mesmo quando se limita às proporções normais de madureza), da precipitação — causas clássicas dos efeitos cómicos. Charlie Chase consegue fazê-los rir dêles próprios, isto é: das coisas que acontecem todos os dias ao comum dos mortais, na casa de banho, ao almôço, no escritório, no teatro e no club. Os conflitos dos seus filmes, — que nem sempre têm, como acontece a Slim Summerville, a Langdon e ao próprio Buster Keaton, encenador à altura das circunstancias — são simples e normais como «bom dia»...

Se Chase não encontrou aínda encenador à sua altura (exceptuando uma curta série de farsas silenciosas postas em cena por seu irmão Paul Parrot) tem tido *partners* excelentes. Dois dêles é justíssimo citar, pois também são dois grandes actores cómicos:

Lucien Littlefielld, êsse impagável mágico, de olhos espertos e calva monumental, coroada por uma juba espavorida, e Edgar Kennedy, outro calvo, mas êsse de olhos maus e bôca retorcida, personificação de todos os biliosos dêste mundo, que têm calos e sofrem do figado, e exibem os seus males como um insulto.

Lembramo-nos de dois filmes em que cada um deles desempenhava um importantíssimo papel. No primeiro, acontecia a Chase esta coisa naturalíssima: a mulher entrava-lhe em casa de surpreza quando lá estava um conhecimento menos regular.

Lucien Littlefield o criado confidente e fidelíssimo.

No outro, passava-se apenas isto: Charlie chegava tarde a uma sessão de box. Anfiteatro à cunha.

Para chegar ao seu lugar, através de equívocos e de embaraços, Charlie passava as passas do Algarve. Edgar Kennedy era apenas o espectador-primeira-vítima. E era simplesmente formidável!

Só há uma coisa complicada em Charlie Chase: o seu sorriso arreganhado, tôlo, *figé*, dum optimismo *standard*. Êsse sorriso, enigmático como o da Gioconda, tem qualquer coisa de alvar e muito de inteligente. Chase dispara-o a propósito de tudo, com hipocrisia e segurança. Bastava êle para o impôr à atenção dos curiosos das coisas do ecran, como o impôs à minha.

BALTAZAR FERNANDES

A selecção de intérpretes para os filmes do BLOCO H. DA COSTA está a cargo de "Animatógrafo"

EM QUE SE EXPLICA O QUE É UM «CASTING BUREAU», SE DÁ NOTICIA DO SEU ESTABELECIMENTO EM PORTUGAL, E SE CONVIDAM OS LEITORES A ENTRAR PARA O CINEMA

A Agência H. da Costa vai instalando em Portugal, pouco a pouco mas num ritmo certo, a sua organização produtora de filmes.

A cinematografia portuguesa é, por assim dizer, uma criança ainda. A Agência H. da Costa tem estado a amamentá-la e tenciona fazer dela uma criatura bem constituída com pulmões fortes e coração normal.

A última novidade do Bloco vai ser patrocinada por «Animatógrafo» e dirigida pelos seus redactores principais. Trata-se do «Casting Bureau» destinado á seleção de intérpretes para os filmes do Bloco H. da Costa.

Tal qual como em Hollywood !—Como vêem Portugal civiliza-se, cinematográficamente falando. Vamos ter um «Casting Bureau» de serviço permanente. Metam bem isto na cabeça para se compenetrarem do enorme valôr que pode ter para vocês esta inovação oferecida por H. da Costa aos cinéfilos portugueses.

Não suponham agora que é preciso ter esta ou aquela qualidade para que a vossa inscrição no «Casting» do Bloco seja possível. Não precisam de ser bonitos nem propositadamente feios. *Qualquer pessoa pode servir.* Se tens o nariz arrebitado, não deixes de concorrer por causa disso. Lembra-te de que pode haver necessidade duma personagem com o nariz arrebitado!

Num filme, procura-se em geral, tanto quanto possível, imitar a realidade e, na realidade existem narizes arrebitados e pernas tortas, como podem existir perfis aproximadamente gregos e olhos fascinadores.

No programa do «Bloco H. da Costa» figura uma próxima produção de filmes com figurações numerosas. Vai ser necessária a colaboração interpretativa de tôda a espécie de gente, a principiar já nêsse primeiro filme, iniciado ha dias, que tem o título de «Gado Bravo», como vos foi anunciado no último número de «Animatógrafo». Haverá dois serviços de selecção nêste «Casting Bureau». Um fixo e outro volante. O fixo, dirigido pelo chefe da redacção de «Animatógrafo», dr. Felix Ribeiro, terá as suas instalações próprias na Rua do Alecrim, na Secção feminina do A B C, e funcionará a partir de segunda-feira, 12 de Junho, isto é: de hoje a uma semana.

O serviço volante é dirigido por Olavo de Eça Leal, compõe-se dum grupo de artistas, jornalistas e senhoras de quem oportunamente anunciaremos os nomes.

O serviço fixo de «casting» destina-se ás pessoas que voluntáriamente pretendam inscrever-se nos arquivos de selecção de intépretes do Bloco H. da Costa. Qualquer pessoa pode, portanto, dirigir-se ao nosso «Casting Bureau» onde, uma vez paga a taxa de inscrição, que é apenas de cinco escudos, será inscrito, fotografado, medido e pesado, ficando com direito a uma prova em bilhete postal da fotografia que lhe fôr feita pelo nosso fotógrafo de serviço e a uma assinatura especial, por um mez, da revista «Animatógrafo», onde virão sucessivamente publicados os retratos dos candidatos que forem aproveitados imediatamente para o primeiro filme.

Para evitar uma excessiva aglomeração de pessoas nos nossos escritórios e mesmo para maior regularidade dos serviços, foi resolvido que as senhoras e os homens sejam atendidos em dias diferentes. Foi pois fixada, nêsse sentido, a seguinte tabela:

Senhoras: 2.as e 4.as feiras das 15 ás 18 horas.

Homens: 3.as e 4.as feiras das 16 ás 19 horas.

Como já dissemos, tencionamos dar ao nosso «Casting Bureau» a mesma orientação que é seguida em Hollywood pelas organizações similares.

Em Hollywood paga-se um dollar ou seja aproximadamente trinta escudos pela taxa de inscrição, recebendo-se apenas em troca a probabilidade de entrar num filme. O nosso «Casting Bureau» é mais barato e mais compensador. Paga-se apenas a infima quantia de cinco escudos recebendo-se em troca além da inscrição e a título de brinde, um retrato idêntico ao que ficará no arquivo e uma assinatura mensal de «Animatógrafo». Parece-nos que dêste modo a teórica despeza de inscrição fica largamente compensada.

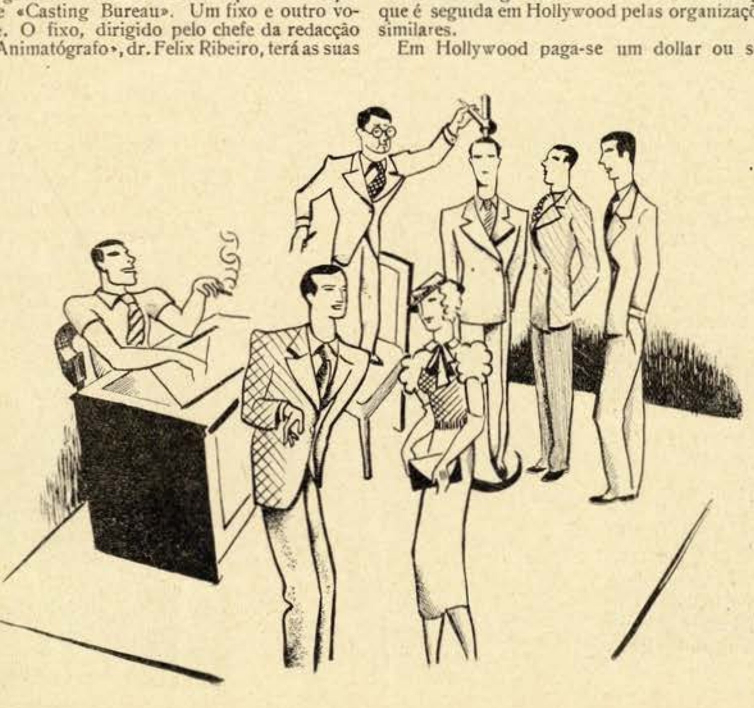
* * *

O serviço volante é movimentado e cheio de surpresas. A brigada do «Casting» volante ficará apta a abordar qualquer pessoa que passe na rua ou que pacificamente tome o seu chá das cinco numa pastelaria elegante.

O «Casting» volante tem incontestavelmente uma grande utilidade. Há inúmeras pessoas que por timidez ou por não terem pensado nisso não viriam nunca á Rua do Alecrim inscrever o seu nome no serviço de selecção do Bloco H. da Costa. Mas se alguem bruscamente lhes apresentar a possibilidade de entrar num filme, pode muito bem ser que se decidam a tentar a *chance* bastante provável agora que o cinema em Portugal é um facto consumado.

E' evidente que os membros da brigada do «Casting» volante estarão munidos duma credencial fornecida por «Animatógrafo» e visada pela Agencia Cinematográfica H. da Costa, que os autorizará dum modo indiscutivel a exercer as suas funções pouco vulgares ainda na tranquila terra em que vivemos. Dêste modo qualquer abuso será impossivel. Os meninos engraçados não poderão divertir-se facilmente.

* * *



Quem pretender inscrever-se no nosso «Casting» não deve adiar a sua visita aos escritórios da Rua do Alecrim. Deve ser pontual, comparecendo imediatamente no dia de abertura do nosso novo serviço. Tem tôda a vantagem nisso. O facto de já estarem distribuídos os primeiros papeis de «Gado Bravo» não significa que não seja necessário um grande número de intérpretes para segundos papeis e principalmente para figuração.

O «Casting Bureau» do Bloco H. da Costa ficará habilitado a seleccionar intérpretes para todos os papeis dos futuros filmes, desde a vedeta ao mais modesto figurante.

O «Casting» volante terá por vezes um aspecto misterioso. De vez em quando instala-se numa casa de chá, na plateia dum cinema ou em qualquer outro local préviamente anunciado nos jornais diários e não hesita em dirigir-se a quem quer que seja.

Quem estiver inscrito estará sempre dentro da oportunidade. Os realizadores do Bloco consultarão constantemente os verbetes dos candidatos inscritos e observarão a todo o momento as suas fotografias. Não percam tempo, inscrevam-se...



Os filmes musicais

NOVA TERAPÊUTICA DA HUMANIDADE

Por F. ALVES DE AZEVEDO

Verificada como está a larga influência que o cinema exerce hoje já no grande publico, fácil é pensar a sua aplicação à vulgarisação dos varios aspectos da cultura, numa utilisação maior do que aquela que até agora lhe tem sido dada.

A cultura espiritual que o cinema de certo modo tem relegado para segundos planos é uma de suas modalidades mais importantes. Não se trata de pelo cinema ensinar ou fazer a propaganda mais ou menos hábil de uma ideia ou de uma moral. O cinema educativo é de certo modo o próprio cinema, pois que todo êle, e na verdade, educativo, tão certo que por esta nova arte tão explícita se pode fazer uma idéia clara das intenções do realizador e até da sua nacionalidade e hábitos sociais. O que na verdade interessa é a moldagem da sensibilidade das novas gerações que encontraram no cinema a arte que lhes veio trazer tôda a soma de sensações de que necessitavam; e também da de todos aqueles que, embora mais velhos, procuram no cinema êsse ritmo vibrátil que tem a vida contemporânea. Novas concepções sob o ponto de vista cinematográfico se esboçam assim.

Emile Vuillermoz, musicógrafo destintissimo, prevendo as possibilidades extraordinarias que o cinema contem, escreveu algures que «temos ainda a possibilidade de transpôr em rítmos visuais as grandes obras sinfónicas de que o ecran revelará mais de um segrêdo. Quer na música descritiva, quer na sinfonia pura, belas visões vindas directamente da música podem dar-nos sinteses artísticas infinitamente preciosas.»

E' claro que a crítica pode dizer e com razão que esta nova modalidade do cinema é de certo modo anti-cinematográfica, pois se trata com efeito de dar a primazia à música e de encontrar para ela imágens cinematográficas que a justifiquem e esclareçam, fazendo-se a adaptação cinematográfica de tal ou tal sinfonia ou prelúdio em vez do contrário, como até agora sucedia.

*

Nem por um momento duvidamos do êxito a que semelhante empreendimento está votado. Igualmente lhe prevemos um esplêndido sucesso como espectáculo. Em verdade, que admiráveis coisas se poderão realisar e sobretudo que inesperadas obras de arte lograrão aparecer. Uma sonata de Beethoven posta em cinema, ou antes executada numa sala escurecida acompanhada por imágens duma cinematografia precisa e alegórica, deve ser qualquer coisa de assombrosamente belo! O mesmo se pode dizer dos prelúdios de Chopin, da música de Wagner, Haydn, Schumann, Bach e tantos outros mais modernos, e de tantas outras obras notáveis fácilmente ***descritivas***, para as possibilidades do cinema, ganhando com isso, tornando-se mais explícitas e atingindo mesmo um público que não as escutará jámais se não fôr desta forma.

Além de que a função educativa e social da música será por êste meio singularmente ampliada: o cinema é a arte que nêste momento maior número de indivíduos interessa.

*

Partindo do princípio pois, de que a adaptação do cinema à música é possível, viável e de êxito certo, que o cinema disfruta hoje já uma influência enorme em milhões de pessôas e por todo êsse mundo, que a música exerce sôbre o homem uma acção calmante admirável, tanto que os médicos a adoptam hoje como tratamento de certas doenças, é verdadeiramente extraordinário que ainda se não tivesse pensado em utilisar o cinema musical, esta arma formidável, para a resolução do problema moral que aflige hoje a humanidade.

E' certo que a principal razão da crise em que vivemos se deve ao estado de espírito de exaltação a que chegámos.

E' inegável que a humanidade vive nêste momento num estado de doença colectivo: Desordem moral que se traduz num frenezim de inteligência que nada deixa resolver com serenidade e consciência.

O cinema como distracção fácil e económica já hoje presta ao público grandes serviços sob êste aspecto, proporcionando-lhe umas horas de ausência de preocupações que já vão se do bastante apreciadas. Mas não é suficiente. E' necessário e urgente torná-lo a nova terapeutica da humanidade, o seu tónico salvador.

O cinema musical tudo conseguirá.

Um ditado popular afirma que a música adoça os costumes, e se no mundo das ideias tudo se passasse conforme a lógica era à Musa das harmonias e dos sons coadjuvada pelo cinema que se devia ter ido procurar os primeiros efeitos curativos e benéficos da sugestão.

A música que nasceu antes da poesia e antes mesmo da palavra, nêsses primeiros vagidos da humanidade de que nos fala Sigmund Freud é a conquista mais antiga do homem — e a melhor radicada no seu espírito. O cinema é uma das mais modernas e a sua influência enorme já foi suficientemente posta em relêvo. A sua união provocando ao mesmo tempo a sugestão pela vista e pelo ouvido, provocará sem dúvida o aparecimento dêsse estado de encantamento e de confôrto que tem tudo aquilo que nos impressiona simultaneamente pela inteligência e pela sensibilidade.

Assim, uma técnica simples — que se nos afigura ser a do cinema musical — que ampliasse melhorasse o método do Dr. Fauvel — o primeiro que fez entrar em cena como terapeutica de certas doênças êsse elemento maravilhoso que é a música — num encadeamento de sons e imágens capaz de captar completamente o nosso espírito, enfeitiçando-o, se se pode dizer, para desta fórma lhe dar as àsas necessárias, a-fim-de que com elas êle alcance vencer os inimigos do seu bem estar: os demónios negros do sub-consciente, seria o verdadeiro triunfo.

Para atingir êste fim preparou o Dr. R. Fauvel discos de uma música dôce e penetrante, reposante como um oasis, cuja composição se deve a Dominique Jeanés virtuose de piano, e que uma adaptação cinematográfica valorisaria imensamente, estamos convencidos!

Êstes discos que se encontram à venda em Paris na Librairie Oliven, Avenue La Bourdonnais, 65, tem sido um verdadeiro êxito, o que é, de facto, a confirmação clara de que até sob o ponto de vista comercial se pode prevêr um belo êxito aos filmes musicais esta nova modalidade do cinema.

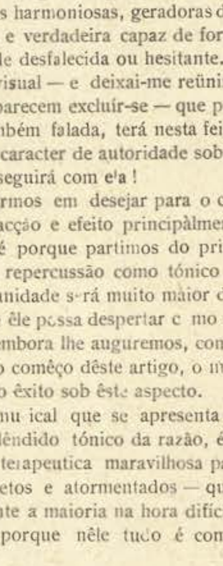
A inovação que apresentâmos é ao mesmo tempo útil e encantadora. Útil, porque a música tem como caracter particular, uma fácil insinuação: sôro benéfico, que ao entrar em nós afastasse num gesto fácil, para longe do nosso *Eu* os fantasmas do infortúnio que o apoquentavam, exactamente como um raio de sol na chuva dos nossos alarmes interiores.

Encantadora, porque, se não contém as linhas geométricas da palavra, por vezes excessivamente domi adoras, ela fala à nossa vista em cascatas de imagens empolgantes, tornando-se as cadências harmoniosas, geradoras de uma emoção calma e verdadeira capaz de fortalecer a nossa vontade desfalecida ou hesitante.

A música visual — e deixai-me reünir estas palavras que parecem excluír-se — que poderemos fazer também falada, terá nesta feição finalmente, um caracter de autoridade soberano. E tudo se conseguirá com ela!

E se insistirmos em desejar para o cinema musical uma acção e efeito principàlmente de ordem social é porque partimos do princípio de que a sua repercussão como tónico e calmante da humanidade será muito maior do que o interêsse que êle possa despertar como espectáculo, muito embora lhe auguremos, conforme o afirmamos no começo dêste artigo, o maior e mais esplêndido êxito sob êste aspecto.

O cinema musical que se apresenta assim como um esplêndido tónico da razão, é desta maneira uma terapeutica maravilhosa para os espíritos inquietos e atormentados — que são hoje infelizmente a maioria na hora difícil que atravessâmos — porque nêle tudo é como no poema de Baudelaire, ordem e belesa, e a sua persuasão harmoniosa e sorridente é um convite irresistível para uma viagem fóra dêste mundo...



Constance, Joan e Jean

TAMBÉM AGRADAM ÀS MULHERES





As mulheres sentem-se instintivamente atraídas por Joan. Admiram-na extraordinàriamente. Em tudo, desde a sua elegância requintada, ao seu talento de artista, ela representa um símbolo do que as demais mulheres admiram numa outra mulher, ou melhor o que uma actriz mais admira noutra.

Nada é digno de maior interêsse e admira

(Conclui na página 17)



NINGUÉM ignora que Joan Crawford, Jean Harlow e Constance Bennett são mulheres que os homens ambicionam. São no cinema além de mulheres extraordinariamente insinuantes e atraentes, detentoras de enorme *sex appeal*. Não só profissionalmente, como até na vida privada, são tidas como elementos de atracção para os homens. Em entrevistas várias, Joel Mc Crea e Neil Hamilton, têm exaltado o encanto e a beleza de Constance Bennet. Clark Gabl , Wiliam Haines. Robert Young e Leslie Howard têm todos elogiado Joan Crawf. rd, como actriz e como mulher fascinadora. De Jean Harlow se diz outro tanto, ou talvez mesmo mais!...

Ora se algum tapete mágico pudesse levar o leitor a uma reunião das vedetas femininas de Hollywood, o que lhe pareceria ouvir dizer-lhes a respeito dessas três aliciantes raparigas?

O que as mulheres costumam dizer uma das outras é matéria que se deve pôr de remissa, tanto mais quanto as outras sejam conhecidas como motivo de admiração dos homens.

Em Hollywood, muito particularmente, onde tôda a mulher bonita é sempre uma rival de outra mulher bonita, essas referências adquirem uma muito maior importância.

Três das mulheres que suscitam aos homens maior admiração são Joan, Jean e Connie. No entanto serão elas também motivo de admiração da parte das mulheres?

Tenho por várias vezes já entrevistado grandes vedetas novayorkinas que nunca deixaram, em qualquer altura de dizer coisas como esta: «Diga-me qualquer coisa interessante a respeito de Joan Crawford. Estou ansiosa por a conhecer».

A primeira vez que falei com Marlene Dietrich disse-me: «tenho Joan Crawford como uma das mais fascinadoras mulheres do cinema. Nunca perco uma fita sua». Ann Harding também disse dela, uma vez, o seguinte: «o rosto de Joan é o mais interessante do cinema. E' mais do que isso, é uma «máscara de tragédia» As primeiras palavras de Claudette Colbert, após a sua chegada a Hollywood, foram estas: «Penso de Joan Crawford que é uma mulher arrebatadora».

A trajectória de Lilian Harvey

HÁ um inquérito a fazer, que tem escapado à imaginação dos jornalistas cinematográficos: A favor de que estrêia deve Mary Pickford abdicar do seu título de «Noiva do Mundo», agora que ela não pode usá-lo sem se ridicularizar? Os temas cinematográficos inéditos não são de tal maneira abundantes que não causa espanto ter escapado êste até aqui. Mas, por outro lado e vistas bem as coisas, semelhante inquérito seria desinteressante e inútil, como todos aquêles de que se conhecem de antemão os resultados. E' que, nêsse particular, estamos todos de acôrdo. A vencedora, a uma distância astronómica de todas as possiveis concorrentes, seria indiscutivelmente Lilian Harvey. A própria América, que apresentaria decerto Norma Shearer como candidata ao glorioso e lindo título, já assegurou a exploração do charme e do talento de Lilian, pagando-os por bom preço. E não deve passar um ano inteiro sem que a nossa gentil «compatriota» (demo-nos literàriamente ao luxo de passar por europeias!) não eclipse no coração dos «fans» as suas rivais americanas.

O Félix Ribeiro garante (e, para nós, nestas coisas, o F. R. é uma espécie de Evangelho) que Lilian Muriel Helen Harvey nasceu em Horsey, nos arredores de Londres, a 15 de Janeiro de 1902. Confessamos, porém, que essa verdade pouco nos interessa. Para nós as estrêlas de cinema nascem, vivem e morrem no ecran, sendo-nos soberanamente indiferentes as suas virtudes e os seus vícios mortais. Porisso vamos ocupar-nos mais da «órbita» de Lilian que pròpriamente da sua carreira, contrariando provavelmente os amadores de biografias «autênticas»,—cinéfilos imperfeitos a quem não satisfaz (terrivel exigência!) a magia total das sombras animadas.

A pátria cinematográfica de Lilian Harvey é a Alemanha. A Lilian Harvey podiam ter sido dedicados os versos admiráveis de Junqueiro:

«E's a túlipa negra, a flôr estranha
Que um lord inglês, excêntrico, procura
Pelas velhas cidades da Alemanha...»

Túlipa negra, frágil, delicada, com qualquer coisa de irreal nos olhos...

Os primeiros filmes de Liliana (gostamos imenso de lhe chamar assim!) desapareceram das memórias mais fiéis. Excepção indispensável: o Félix Ribeiro lembra-se dêles, com títulos e tudo!.. «As Borboletas do Maxim's», em que L. H. contracenava tìmidamente com Dina Gralla: «O Segrêdo debaixo do Gêlo»; «Amôr e Clarins», com Harry Liedtke; «Uma Rapariga num Taxi», em que L. H. aparece pela primeira vez ao lado do que foi o seu melhor galã, na tela branca e nesta negra vida: Willy Fritsch. Nêles, a artista, pela mão experimentada de Richard Eichberg, ensaiava os seus primeiros passos. Era uma rapariga bonita e azougada, com atitudes de bailarina e momices de boneca. Já se fazia notar mas não se impunha. Faltava-lhe um «papel». Eichberg depressa o compreendeu. E deu-lho, pondo-a de novo ao lado de Willy.

«A Casta Suzana» foi um triunfo universal. Embora mutilado, (nêsse tempo era mudo como um peixe), o cinema repôs na moda a velha opereta, fazendo admirar Liliana em toda a parte. E vieram os inevitáveis «filmes-corolários» que parasitam todos os grandes êxitos: «Qual das duas?», em que L. interpretava brilhantemente um dúplo-papel, parecido, como duas gôtas de água se parecem, com o que celebrizou Constance Cummings em «Movie Crazy» (o Louco por Cinema» de Harold Lloyd) e «Paternidade inesperada».

«Ferias Matrimoniais», revelou nos um aspecto inédito de Liliana: Aquele diabrete era capacissimo de enternecer. Sob aquela aparencia estouvada e trocista — que delicadeza de reacções, que sensibilidade! Aos nossos olhos, a «pequena» transformou-se em «mulher».

Infelizmente, Willy Fritsch andava muito ocupado com vedetas que então tinham maior renome e que, portanto, o mereciam mais: Mady Christians, Xénia Desni, Mary Johnson, Olga Tschechowa, etc.

Liliana trabalhou. Tão bem, que lhe cederam Werner Fueterer, que sempre tinha as iniciais de Willy Fritsch, para «Não roubarás» e «O Sinalzinho Preto»... (E' a altura de recordar o nome do encenador crónico de todas estas comédias: Victor Janson).

Um contrato leva Liliana à sua cidade natal e mete a nas mãos dum artista excelente: Lupu Pick. O filme que daí resultou é um dos seus melhores: «Uma noite em Londres», cujo título original contém um saboroso trocadilho («A Knight in London»). Aí se confirmou a rara feminilidade de Liliana, feminilidade que, mais que a sua «vida», a tornaria definitivamente célebre.

De regresso à Ufa, já aí encontrou o seu melhor amigo: o microfone. Eichberg cedera o cetro a Erich Pommer. E surge um filme simbólico: «Segue o teu Coração!»... Foi como que uma ordem. Lilian Harvey seguiu-o mesmo. Casou com Willy Fritsch, dansou com êle «A Valsa do Amor»...

E foi a bomba do «Caminho do Paraíso», «A's ordens de Vossa Alteza», o «Cruzeiro de Amôr», Lilian Harvey foi reconhecida oficialmente pela crítica e aclamada pelo público Rainha Absoluta do Cinema Europeu, única atriz que a Europa podia opôr com orgulhosa segurança às fulgurantes «stars» de Além Atlântico.

«O Congresso que dansa» consagrou-a. A apaixonada Christel é a sua criação máxima, definitiva. Tão grande, que Erich Pommer se poude permitir gasta-la em obras inferiores, como «Dois Corações a Compasso» (que é apenas um prodigio de ritmo) «Quick» (que não é coisa nenhuma, a não ser para Pierre Brasseur), «Um Sonho Dourado» (que é uma espécie de exame conservatorial em que Liliana passa com 20 valores)...

Só voltamos a vê-la no seu lugar na «Imperatriz e Eu». Julieta, a cabeleireira de Paris, é digna da luveira vienense. Nenhuma outra atriz era capaz de cantar como Liliana a canta a valsa impressionante de Friedrich Hollander, no quarto em que agonisa Charles Boyer. Nenhuma. Se aquilo que a gente sente cá dentro tivesse voz—nós os cinéfilos, inevitavelmente «lilianófilos», decerto cantariamos em côro:

«Jamais je ne pourrais vivre
Loin de toi...»

E' que Lillan Harvey é realmente a nova «Noiva do Mundo» — noiva impossivel de todos nós.

B. F.







UMA CARTA DA U. F. A.

leva-nos a adiar durante algumas semanas o encerramento do nosso concurso

UNIVERSUM FILM AKTIENGESELLSCHAFT

KRAUSENTRASSE, 38

BERLIN W. 19

25 DE MAIO DE 1933

Sr. António Lopes Ribeiro
Director da Revista «Animatógrafo»
LISBOA

Presado senhor:

Acusamos a sua carta de 7 de Maio e muito nos sensibilisa a ideia que tiveram de oferecer aos leitores de «Animatógrafo» uma visita aos nossos estúdios de Neubabelsberg como primeiro prémio do sorteio aberto entre os assinantes da sua interessantissima revista.

Pela nossa parte, e acedendo ao pedido do nosso querido amigo Sr. H. da Costa, estamos à inteira disposição do feliz contemplado para o guiarmos na sua visita.

Uma observação porém queremos fazer-lhe: realizando-se o sorteio de «Animatógrafo» a 13 de Junho, anuncia-me V. S.ª a visita para a segunda semana de julho.

Ora a essa data os estúdios da U. F. A. estarão desocupados, pois se procede activamente à preparação da produção 1933-34.

Em Setembro já os trabalhos de filmagem devem ter atingido grande desenvolvimento, o que torna mais interessante uma visita.

Não poderia V. S.ª adiar até lá a viagem do contemplado com o primeiro prémio?

Desejando à sua revista as maiores prosperidades, somos com a maior consideração

a) G. Sander

Chefe dos serviços de informação para a imprensa estrangeira

Alguns dos nossos assinantes que esperavam com natural ansiedade o dia 13 de Junho para conhecer o nome do feliz colega que a sorte favorecesse com o primeiro prémio do nosso concurso, vão talvez ficar um pouco tristes com o ligeiro contra-tempo que lhes anunciamos.

Vai ser adiado o sorteio.

No entanto as razões que lhes apresentamos devem bastar largamente para consolar os nossos amigos.

Como ficaram sabendo pela carta que publicámos, endereçada pela U.F.A. ao nosso amigo e Director António Lopes Ribeiro, vai ser indispensável adiar a visita aos estúdios da U.F.A. em Neubabelsberg, prometida ao nosso primeiro premiado porque, na altura em que devia realizar-se, encontram-se paralizados os trabalhos de filmagem dêsses estúdios.

A visita do nosso premiado não poderia, pois, oferecer, o mesmo interêsse dos grandes momentos de actuação.

E' evidente que êste facto não representa uma absoluta necessidade de adiar o concurso. Podiamos muito bem sortear os prémios como se nada tivesse acontecido, ficando depois o primeiro premiado na espectativa do momento oportuno, que a U.F.A. nos anuncia para Setembro, para a realização da almejada viagem. Mas, por outro lado, êste adiamento até convém à maioria dos nossos assinantes. «Animatógrafo» tinha previsto a viagem a Berlim para a primeira ou segunda semana de Julho, ou seja para a altura em que habitualmente principiam as férias dos estudantes portugueses. Muitas vezes, porém, acontece arrastarem-se os exames até fins de Julho e até mesmo meados de Agosto. Desta maneira, se acontecesse, como seria muito possível, que o nosso premiado fôsse algum dêsses *arrastados*, haveria decerto grandes complicações de última hora com a história dos exames.

Assim não haverá mais transtornos. Em Setembro os nossos assinantes, estudantes na sua maioria, devem estar completamente livres.

Além disso, e sem que houvesse a menor intenção da nossa parte nêsse sentido, a forçada demora a que somos obrigados a sujeitar o sorteio do nosso concurso, habilita muitos leitores hesitantes a terem tempo para se decidirem a assinar a nossa revista.

Embora tenham ultimamente caído na Administração de «Animatógrafo» muitas dezenas de assinaturas, não compreendemos o motivo porque não têm vindo às centenas. Nenhum jornal, que nos lembre, tem oferecido até agora aos seus assinantes uma acumulação maior de vantagens e facilidades de toda a espécie. Os leitores avulso devem ter mesmo sobejas razões para se enciumarem. Temos recebido reclamações nêsse sentido mas a verdade é que não podemos tomá-las a sério visto que nada nos garante que êsses leitores, embora avulso, comprem sistemáticamente o nosso jornal.

E' justo, apesar de tudo, que os nossos assinantes nos mereçam um cuidado, uma simpatia e uma ternura muito especiais, embora o façamos às vezes, como estão vendo, com um provável exagêro.

A circunstância dum leitor assinar a nossa revista, pondo agora de lado a parte comercial, dá-nos em primeiro lugar a certeza de sermos acompanhados por mais alguém na evolução seqüente e normal do nosso trabalho.

Não nos temos, pois, arrependido da exagerada protecção que dispensamos e continuaremos a dispensar aos assinantes.

Tencionamos ainda proximamente, logo que nos seja possível dispôr de alguns momentos, dar voltas à imaginação para aumentarmos algumas vantagens aos nossos assinantes da província que, pelo seu afastamento, têm sido, contra a nossa vontade, menos contemplados.

Publicamos mais uma vez a lista dos prémios para não esquecer:

1.º PRÉMIO: E' como se disse já, UMA VIAGEM A BERLIM com direito a uma hospedagem de 6 dias num hotel de 1.ª ordem, visita aos principais cinemas e monumentos da grande capital alemã, E AOS ESTÚDIOS DA U. F. A. EM NEUBABELSBERG, a grande cinelândia europeia, prémio gentilmente oferecido pela Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltd.

2.º PRÉMIO: Um receptor rádiofónico «Stewart-Warner» circuito super heterodino modêlo 1933, oferecido pela casa Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, n.º 97.

3.º PRÉMIO: UMA CAMARA DE FILMAR «ENSIGN» para filme de 16 milímetros, oferecido pela casa *Amador Fotográfico* de *Roiz Ltd.*, Rua Nova do Almada, 84.

MAIS DUZENTOS PRÉMIOS — Além dêstes três prémios de primeiro plano, haverá mais duzentos prémios de consolação, constituídos por máquinas fotográficas, produtos de beleza da *Fábrica Nally*, etc.

CRITICA

A Imperatriz e Eu



(Moi et l' Imperatrice)
de FRIEDERICH HOLLANDER

A Imperatriz e Eu vem alinhar-se na primeira fila das obras de Eric Pommer, ao lado do *Caminho do Paraíso* e do *Congresso que dansa.*

A experiência adquirida nas várias realizações anteriores não foi improficua. Mais do que em qualquer outro filme constata-se nêste um acorde perfeito entre as imagens e os sons. Pode mesmo dizer-se que nenhum filme foi feito tanto *em função* da música, como êste. Na *Imperatriz e Eu* a música nem sempre é o complemento da imagem. Há cenas em que está em pé de igual valor.

Também houve menos a preocupação de se fazerem «coisas bonitas» para o público, como nos outros filmes. Aqui procurou-se fazer uma obra homogénea e mais equilibrada. O equilibrio imenso que em todo o filme se observa entre a imagem e o som, e no próprio som e na própria imagem, é uma das suas maiores qualidades.

Vê-se que tudo foi meticulosamente cuidado. Por isso temos sempre uma impressão de bem acabado, de trabalho limpo.

Assistimos a outra reconstituïção histórica, em que, como no *Congresso que dansa*, só procuraram criar, com justeza o ambiente.E que bem que o souberam fazer! Aparte a indumentária, o meio mais directo e por isso mesmo o mais superficial, serviram-se de vários outros elementos bem mais persuasivos, de efeitos bem mais profundos, como todos êsses pequenos pormenores caracteristicos, reveladores duma época. Mas o que cria, acima de tudo, o ambiente Segundo Império, é o elemento musical, respigado nos próprios compositores da época, Offenbach, Lecoq e Audran.

Certas cenas, foram incluídas no filme por uma dupla razão: a sua beleza objectiva e o seu significado subjectivo, como aquela em que vemos Winterhalter pintar o seu célebre quadro.

Os interiores são maravilhosos de gôsto e de luxo. A escadaria do palácio é um monumento. Se o decorador do filme não a copiou dalgum palácio autêntico, pode gabar-se de ter imaginado uma coisa espantosamente linda.

A anedota é graciosa e simples, exactamente como devia ser, e tem o grande mérito de estar absolutamente no espírito da época. Todas as figuras são estilizações felizes. Umas mais (como o oficial às ordens), outras menos, como o Duque de Campo Formio, a figura mais humana de quantas vemos no filme, e, por isso mesmo, aquela que mais impregnada está de «espírito 1850».

Friederich Hollander compôs o filme quási sempre com inexcedível felicidade.

Soube criar imagens imensamente belas, outras graciosíssimas. Foi pena não se ter libertado mais lo estúdio, não ter procurado mais o ar livre. O filme ganharia em frescura.

Lilian Harvey tornou mais uma vez a afirmar-se insubstituível nêste género. A sua «Juliette» é modelar, como graça, fantasia e sensibilidade feminina. Charles Boyer, «o homem da voz valente», tem uma difícil criação na figura romântica do Duque apaixonado. Pierre Brasseur o melhor possível. A sua ascenção é, decididamente, uma coisa definitiva — êste filme consagra-o de vez.

Enfim, a melhor apreciação que podemos fazer dêste filme é esta: vão vê-lo, se querem passar uma noite agradável, tão agradável como só o bom cinema sabe proporcionar. Mas não levem os olhos de todos os dias, porque senão sujam o filme. *A Imperatriz e Eu* está tão longe das materialidades da vida que não deve ser visto com os olhos com que as encaramos no nosso dia-a-dia.

E' preciso vê-lo em «estado de evasão» para podermos apreciar todo o seu perfume.

(Distribuído pela Agência Cinematográfica H. da Costa Ltd.)

Mandchuria

de WESLEY RUGGLES

Os americanos sabem como ninguém levar a cabo a parte material da *fabricação* de um filme. Mas a sua produção inferioriza-se, duma maneira geral, pelas características dos argumentos. Fixaram-se numas determinadas regras, convencionalmente comerciais, e delas não saiem senão em casos excepcionais. Isto, junto a um primarismo de concepção confrangedor e a uma arbitrariedade imperturbável, faz com que quási todos os seus filmes, impecávelmente realizados, não consigam impôr-se alem dos mais simplistas espectadores.

Neste filme, êsses defeitos especificamente americanos — o que não quere dizer que não se encontrem nas produções europeias — campeiam à larga, diminuindo-o.

O ambiente mandchú tem muito de convencional; os bandidos são ainda mais arbitrários que o ambiente, bandidos cossaco-mongólicos vistos por americanos; as personagens são já nossas conhecidas: o capitão destemido e enérgico, a loira esfinge coleante, o pirata de voz roufenha, a solteirona lamurienta, etc. Dêsde que os vemos aparecer, ficamos sabendo como o filme acaba.

O mesmo para as figuras secundárias. Quem fôr um pouco observador já conhece à légua o processo, caro aos americanos, dos contrastes, das contradições imprevistas. E por isso não fica nada espantado quando vê a rapariga fútil ser vítima da sua dedicação pelos pequenos indígenas ou o rapaz cobarde e tímido tornar-se de repente audacioso herói, acicatado pela morte da noiva!



Mas, apezar de tudo, *Mandchuria* entretem e distrai. Por vezes prende até! E se não empolga é porque não quizeram dar ao assunto originalidade e imprevisto, nem lhe souberam imprimir fidelidade. Preferiram o convencionalismo e a fantasia, de que já falamos, na esperança de melhores lucros. Talvez tenham razão e talvez não. Nós cremos que não.

Wesley Ruggles dirigiu o filme com vigor, compondo passagens por vezes notáveis, como a da fuga da população ante a avançada do bando de Vorousky. Em certos momentos conseguiu emocionar, sem recorrer a grandiloqüências, antes até com rara sobriedade de meios.

Richard Dix não nos entusiasmou. O papel dava para mais.

Gwilli André é uma boneca loira e pintada, muito *vamp*, demasiado artificial para impressionar. Não deve ir longe. O bandido foi o conhecido C. Henry Gordon.

As melhores interpretações encontram-se nas figuras secundárias. Edward Everett Horton, Zazu Pitts e os outros, compuzeram as suas personagens cuidadosamente e souberam dar-lhes humanidade.

Dos protagonistas já se não pode dizer o mesmo.

(Distribuição da S. I. C. E)

Marido Infiel

de CARL BOESE

Os americanos fazem as comédias sábias, sôbre temas desportivos, sôbre casos normais de namoros singelos ou satirizando figuras ridículas das camadas médias.

Os franceses fazem comédias brejeiras, exploram intimidades de alcôva com liberdade e intenção.

E os alemãis fazem comédias anodinas, nem peixe nem carne.

Se o assunto é desportivo, não o tornam tão saüdável como o fariam os americanos. Se é satírico, não lhe dão a espontaneidade, a realida-

Actualidades

Voltamos esta semana às anodinas «actualidades» do costume. Três revistas mundiais quási sem interêsse, sem actualidade, sem coisa alguma que as notabilizasse.

A. *R. K. O.* apresentou o seu *noticiário-sonoro n.o 1*. Não era famoso. Mostrou-nos só coisas banais, daquelas que todos costumam mostrar e que, portanto, já vimos mais de cem vezes. Os efeitos dum furacão na costa atlântica dos E. U., um *match* de luta, outro de *rugby*, uma catapulta para aviões, etc. Hão-de concordar que é muito pouco.

A *Fox* exibiu o seu *Jornal 70*. Vimos o rei Fuad I do Egito, o funeral do Gran-duque Alexandre da Rússia em Roquebrune (França) e alguns aspectos das últimas eleições alemãs, entre os quais havemos de destacar a marcha *aux flambeaux* dos nazis pelas ruas de Berlim, fotografada primorosamente.

A *Paramount* apresentou umas «actualidades» já com cabêlos brancos. Basta dizer que um dos factos focados foi uma festa da passagem do ano. Do resto merecem referência os aspectos de um rebanho de 16.000 carneiros e o julgamento de Robert E. Burns, o homem cuja odisseia nas penitenciárias americanas valeu um êxito monumental ao seu livro *I am a fugitive*, donde tiraram um filme com o mesmo título, que dizem excelente e no qual Paul Muni, o inesquecível *Scarface*, faz o papel de Burns.

Pelo que fica dito, já podem fazer uma ideia da pobreza, sob todos os pontos de vista, das «actualidades» da semana passada. Mas, afinal, os exibidores têm razão. O público vai «gramando» isto e não protesta, logo gosta assim. E não será por estas e por outras que êle cada vez põe menos os pés nos cinemas? Se isto é uma verdade, como nos parece ser, já os exibidores não têm razão nenhuma, como julgam. Mas hão-de levar tempo a convencerem-se que assim é.

Desenhos animados

Cravos chineses — Produção Van Beuren. Executado por John Foster e Harry Bailey — Nem imaginação, nem graça e muito longe da perfeição técnica, o que hoje é já indesculpável.

Balada de Amor e Ira — dos Fleischer — Um dos desenhos animados bons, como todos os dos Fleischer, a enquadrarem uma linda canção, cantada por uma rapariga de linda voz.

Documentários

Lançamento do contra-torpedeiro «Tejo» — da Tobis Portuguesa — Belamente fotografado, com um som muito puro, êste filme garante-nos a perfeição técnica da futura produção da Companhia.

Noutro qualquer país a apresentação desta película arrancaria certamente uma salva de palmas à plateia. Cá, foi como se nada fôsse. Decididamente a nossa gente está a precisar um banho frio, para vêr se esperta.

A' beira do rio — Operador? — Vários aspectos das coisas de Lisboa e de outras coisas que também estão «à beira do rio»... Boa fotografia e uma montagem ultra-rápida que chega a ser aflitiva.

Nada de novo em Óbidos — Realização de Jorge Brum do Canto. Operador Aquilino Mendes — Documentário de Óbidos inteligentemente orientado, bem fotografado e apresentado com esmero. A destacar, uns planos de uma seara, admiráveis.

Farsas

Epifânio, noivo infeliz—*Howdy Mate* — Realizada por Harry Edwards — Muito fraca esta farsa. Graça, pouca ou nenhuma. Hoje exige-se mais imaginação. E depois o tal Epifânio, isto é, Lloyd Hamilton, não tem geito nenhum para cómico.

Viagens e Culturais

Na Índia misteriosa — do Tapete Magico Fox Movietone — Aspectos típicos da Índia, filmados primorosamente. Com bastante interêsse.

A pesca da baleia — também do Tapete Mágico Fox Movietone—Um documentário imensamente interessante e impecável sob o ponto de vista técnico.

O acompanhamento musical dêstes dois filmes, chegando a incomodar tão barulhentos são.

Outros filmes

Um crime da Mão Negra — Realização de Spencer Gordon Bennett — Um crime complicado, descrito pelo criminalista Nick Harris. Novo género de complemento e, vamos lá, não é dos piores.

D. M.



de que não deixariam de lhe imprimir além--Atlântico. E se é equívoco, limpam-no, limando-lhe as arestas, de forma e atenuarem a sua escabrosidade, o que os franceses nunca julgam valer a pena fazer.

Os americanos nunca se atreveriam a fazer um filme com o argumento do *Marido Infiel*. Os franceses gostariam imenso de o fazer e haviam de acentuar, com muitos ff e rr, as passagens mais cruas da história. Os alemãis não. Filmaram-no, sim, mas procuraram exactamente tirar partido das situações *à margem* dos «factos inconfessáveis», e não dêsses factos em si.

O filme tem bocados engraçados, duma graça fácil mas fluente. A história é demasiado complicada, por vezes forçadamente complicada. E isso prejudica as suas condições cinematográficas. Mas tem uma certa originalidade.

Fritz Schulz, Paul Horbiger, Ralph Arthur Roberts, Lissi Arna, Lucie Englische e outros desempenham o filme no tom requerido pelo género. E é justo destacar os dois primeiros.

(Distribuído pela Companhia Cinematográfica de Portugal).

Rei Morto, Rei Posto

(Le Roi bis)
de ROBERT BEAUDOUIN

Ainda um filme cuja acção gira à volta de um trono imaginário.

Não se trata, porém, de mais uma dessas histórias estopantes que têm servido de pretexto para grande parte das operetas, desde que o cinema começou a balbuciar. A anedota fantasista e disparatada de *Le Roi bis* tem o mérito de ser original, embora por vezes embaciada por cobardes concessões àquilo que se convencionou existir e a que se deu o nome de «o gôsto do público».

O filme começa com uma curiosa invocação da casa de Baker Street e da figura de Sherlock Holmes. Esses primeiros metros têm um aspecto absolutamente diferente do resto, e isso serve à maravilha para dar a mudança completa que sofre a vida de «Leducq», o *parigot* sem vintem transformado em rei, por obra e graça das suas feições.

Nem sempre conseguiram conservar o filme no mesmo plano de amável fantasia. Por vezes serviram-se de recursos demasiado fáceis. No entanto, em certas ocasiões inventaram excelentes *trouvailles*. Resumindo: se nem sempre o espectáculo satisfaz o espectador exigentente, o público em geral diverte-se constantemente e bastante.

Pierre Bertin tem um ótimo desempenho no seu duplo papel. Teve verdadeira graça quando fingiu que falava inglês e alemão. Kerny, Hubert Daix, Mac Fric e Tania Doll fazem as figuras secundárias com suficiente proficiência.

(Distribuição de Filmes Castelo Lopes)



Um artigo a propósito de CINEMA PURO

Num jornal francês lemos há dias um artigo de Michel Servanne em que ressurge um fantasma há muito abandonado: o cinema puro. Porque o cousideramos sensato e curioso traduzimo--lo para os nossos leitores:

Todos concordam agora em pedir ao amadorismo que se evada dos filmes sensaborões e medíocres, de se elevar acima dos simples sainetes e dos documentários unicamente fotográficos, mesmo que sejam apodados de romanciados, libertando-o do seu caracter independente, da sua completa liberdade, em relação a estes dois factores: lucrose êxito, para se tornar verdadeiramente o laboratório do cinema.

O meu camarada Jean Fabre, cineasta apaixonado pelos trabalhos de amador, M. Chahine, profissional por dever de ofício, amador pela alma, preconisavam: um, o cinema «cerebral»; o outro, a procura de novas formulas.

Todos êsses desejos de fugir da simiesca imitação do cinema profissional traiem, sob fórmas diferentes, as mesmas ideias.»

Estes conselhos e exortações seriam vãos se êsse cinema, — chamado «puro», «cerebral» ou coisa parecida — fôsse duma realização impossivel para os amadores. Não nos deteremos nisso, deixando essas sedutoras tentativas a alguns iniciados audaciosos.

Mas esta renovação do cinema pelo amadorismo independente das contingencias comerciais, é bem mais tributária do domínio intelectual quc do das possibilidades técnicas.

E' na concepção e na escolha do assunto — a sua «concepção cinematográfica» — é sobretudo e antes ae tudo na forma da sua realisação que êle se diferenciaria.

O termo «cinema puro» não tem nada que deva atemorisar.

E' inutil, expliquemo-nos assim, utilisar um estilo que roce pelo obscurantismo e onde bizarramente se misturem termos inéditos, ou se preste ao equívoco, e proclame sentenças que parecem tanto mais profundas quanto ninguém ousaria confessar tê-las compreendido bem! «Puro» significa em bom português sem mistura.

O problema consiste pois em fazer cinema que não fique de maneira nenhuma impregnado de quaisquer reminiscencias ou regras literarias ou teatrais, de nenhuma das modalidades típicas a estas artes.

Com muita frequência — infelizmente — os argumentos dos amadores são sketsches *sem originalidade ou «histórias» duma mediocre originalidade postas em cinema exactamente como foram contadas. Os seus intérpretes agitam-se sôbre um palco e o operadôr contenta-se em registar os seus gestos e feitos como se se tratasse de actualidades. De quando em quando desloca-se a camara, ou faz-se uma tomada de vistas em «ângulo», cuja originalidade é algum tanto ou quanto destruida pela circunstância de ter havido outros muitos «angulos» precedentes e semelhantes; vai-se desde o «fechar em iris», ao diafragma completo, e orgulhoso de tantos achados tão inéditos e destas audácias ajuisadamente timidas pensa-se com vaidade: isto é cinema! Eis aqui um bom filme! Produziu-se uma monstruosidade mais a juntar a uma lista enorme e não se sentiu a sensação de ter trabalhado, mas simplesmente de haver «flanado». Objectar-me-heis que não aspirais a transformar uma arte inerte pela fadiga dos seus realizadores, que o vosso pequeno amadorismo se desfaz com aquilo que uma experienciasinha aumentada todos os dias, vos permite empreender. Receais, sobretudo, que a vossa modêsta camara seja insuficiente. Eis aqui onde está o erro. Com ela podereis registar as ideias mais originalmente concebidas, as scenas preparadas com o mais agudo sentido do que é cinema, ou as vossas deliciosas inépcias habituais.*

O verdadeiro cinema não é senão uma preparação minuciosa e reflectida, a resultante duma meditação sôbre o trabalho que pertinazmente se deseja empreender, uma vez que tudo foi estudado para assegurar umas continuidade de tomadas de vistas reveladoras duma concepção perfeita do que é cinema. Porque não fazeis um ensaio? Vários mesmo? Cada experiência vos conduzirá rapidamente à convicção de que é preciso preparar-vos melhor para a realisação duma «obra».

E' preciso ousar, querer, tentar.

MICHEL SERVANNES

Confissão duma jovem

(Confession of a co-ed)
de DAVID BURTON e DUDLEY MURPHY

Um drama especificamente americano, passado numa daquelas Universidades incríveis, já muito nossas conhecidas. A história não se discute, que não vale a pena. Para quê esmiuçar os seus pormenores? Ficariamos na mesma, isto é, continuariamos a achá-la arbitrária. Possivelmente a sua inconseqüência surgir-nos-ía ainda mais absoluta. De modo que mais vale passarmos à diante.

Se o argumento tivesse sido tratado, com melhor critério cinematográfico, é possivel que o caso singular de «Pat» e de «Dan» nos tivesse interessado. Mas o filme foi feito em 1931 e nêsse tempo os americanos ainda não tinham percebido que a troca de ideias e as grandes frases declamadas não têem nada que vêr com o cinema. Não há nada mais falso e ridículo do que uma personagem dum filme a perorar muito convictamente sôbre o amor, o casamento, os preconceitos sociais ou qualquer coisa quejanda. Isto quere dizer que o filme maça de onde em onde, por arrastado e excessivamente dialogado. Por vezes, porém, tem coisas graciosas, que agradam vêr, como sejam as cenas na montanha, (êstes americanos são únicos nos exteriores!). Também a fotografia é inexcedível. Silvia Sidney e Phillips Holmes, em dois papeis muito semelhantes aos da *Tragédia Americana*, tornaram a representar com correcção e emotividade.

O êxito do filme ressentir-se-á certamente com a demora da sua apresentação. Porque será que duas das maiores firmas americanas levam tanto tempo a apresentar entre nós as suas produções? Não vemos que ganhem alguma coisa com semelhante processo.

(Distribuição da Paramount Films S. A.)

O Ultimo Homem Sôbre a Terra



(El último hombre em la tierra)
de JAMES TINLING

Era explêndida a ideia do filme. Prestava-se para coisas engraçadíssimas. Mas não tiveram imaginação nem fantasia para a tratar. A dificuldade seria meter na metragem habitual tudo quanto uma imaginação mediana inventasse de pitoresco. Afinal entretiveram-se a gastar metros e metros com cenas de bebedeiras inúteis e banais. A espaços criaram coisas engraçadas, mas oi porque não podia deixar de ser. Nunca souberam tirar partido das situações picarescas provocadas pelo argumento. O congresso internacional podia ser uma coisa fabulosa. O mundo só habitado por mulheres prestava-se para mil e um apontamentos saborosos. Emfim, mais uma idéia excelente mal aproveitada.

O filme, sendo uma versão espanhola, não está mal, se nos lembrarmos das outras que aí têm aparecido. Raoul Roulien e Rosita Moreno defendem-se. A música de William Kernel, banal.

O público divertiu-se bastante; podia ter saído encantado. Não tinha sido muito difícil. Mas basta lembrar-nos do final — um *happy-end* vulgar de comédia — para nos convencer-mos de que os autores do filme são adeptos da lei do menor esfôrço.

Que faria Eddie Cantor de semelhante idéia? *C'est inimaginable!* — como tantas vezes temos ouvido dizer à Lilian Harvey.

(Distribuição da Companhia Cinematográfica de Portugal).

DOMINGOS MASCARENHAS

Actualidades Mundiais

INFORMAÇÕES E NOTÍCIAS CINEMATOGRÁFICAS DE TODA A PARTE

STERNBERG e MARLENE voltam para a PARAMOUNT

Joseph von Sternberg deixara há uns mêses já a Paramount, por esta lhe não ter querido renovar o contrato que com êle mantinha desde 1926, não só pelas demasiadas exigências com que condicionara a sua permanência naquela empreza como também pelo exorbitante salário por êle pedido. Daí o dizer-se, primeiro, que viria trabalhar para a Europa, com Marlene Dietrich cujo contrato com a Paramount estava então em vésperas de conclusão; e depois, que ingressaria na Fox onde dirigiria «*Nana*» de Zola, com Dietrich na protagonista.

Falou-se também há pouco, e parece que com certos visos de verdade, na sua entrada na Metro onde devia dirigir Greta Garbo em *Rainha Christina* e Joan Crawford e Clark Gable em *The Prisefighter and the Lady*.

No entanto todas essas noticias referentes ao futuro cinematográfico de Joseph von Sternberg não passavam — viu-se agora — de méras hipoteses, porquanto, segundo informações fidedignas e recentes, Joseph von Sternberg acaba de assinar de nôvo com a Paramount um contrato por mais um ano, periodo pelo qual o de Marlene igualmente foi ampliado.

O seu primeiro filme deste nôvo contrato será iniciado logo que Marlene Dietrich chegar, de volta de férias, a Hollywood.

O primeiro filme americano de Dorothea Wieck

Dorothea Wieck, a extraordinária artista que *Raparigas de Uniforme* revelou como uma das actrizes de maior sensibilidade do fonocinema actual, foi recentemente contratada pela Paramount, tendo chegado há algumas semanas a Hollywood.

Dorothea Wiek, que na Europa fez, depois de *Madchen in Uniform* um outro filme intitulado *Ann und Elisabeth* ao lado de Hertha Thiele que naquela pelicula viveu a personagem da jovem *Maria*, vai sêr a principal figura feminina do filme *White Woman* (Mulher Branca) no qual terá Herbert Marshall, o galã inglês agora tanto em voga, por *leading man*.

A Garçonne de novo no cinema

Albert Dieudonné, actor, dramaturgo, romancista, professor de dicção, *metteur en scène* — um homem de sete oficios, na verdade — e que foi no cinema o intérprete da figura de Napoleão no célebre filme de Abel Gance, vai transpôr para o cinema um dos mais ousados romances dos ultimos tempos: a famosa «Garçonne» de Victor Marguerite cujo êxito de livraria se reflete bem nos 650.000 exemplares vendidos. Para êsse filme, cuja acção se desenrolará na Côte d'Azur e em Paris, não foi ainda escolhida a intérprete de *Monique*, a celebrada heroína do romance.

Não é esta, contudo, a primeira vez que o livro de Marguerite é levado ao cinema; há cêrca de nove anos Gaston Roudès, com France Dhelia por intérprete, realizou uma primeira versão.



Sylvia Sidney intérprete de Dreiser

Sylvia Sidney, essa actriz admirável que um único filme — Ruas da Cidade — *bastou para impôr como uma das mais talentosas intérpretes do cinema americano, depois de têr sido a protagonista da versão cinematográfica extraída da célebre obra do escritor americano Theodore Dreiser, «Tragédia Americana», vai de nôvo criar uma outra personagem de Dreiser,* Jennie Gerhardt, *segundo o romance homónimo.*

Lilian Roth casa pela terceira vez

Lilian Roth, cujo talento e lindas pernas podémos apreciar em *Parada do Amôr* — onde ela foi a insinuante *soubrette* parceira do engraçado Lupino Lane — no *Rei Vagabundo* e em *Madame Satan* acaba, pela terceira vez, de contrair matrimónio.

Lilian, que se divorciára há poucos mêses de William Scott, seu marido numero dois, casou-se agora com Benjamin Shalleck, juiz dos tribunáis de New York. Lilian, que se encontra há algum tempo afastada do cinema, está actuando num teatro de revista de Broadway.

Uma triste prova do mau gôsto americano

Quais os quinze filmes que se poderão considerar indiscutivelmente autênticas obras de mérito do cinema mundial?

Tal foi a pergunta feita por um jornal corporativo americano não só aos criticos, como também aos proprietários de cinemas. Segundo as respostas recebidas foi organizada a seguinte lista: *O Nascimento de uma Nação, O Garôto de Charlot, Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, A caravana gloriosa, O gavião dos Mares (The Sea Hawk), O Corcunda de Notre Dame, Variedades, A Grande Parada, Rei dos Reis, Ben Hur,* cujo custo se elevou a cêrca de três milhões de dolares, *Over The Hill* (1.ª versão, de 1923), *Tol'able David* (1.ª versão de 1924), *Smilin Throught* (versão falada com Norma Shearer), *A Oeste nada de nôvo* e *Cavalcade*.

Jeannette Mac Donald nova «Viuva Alegre»

Jeannette Mac Donald, que se encontra presentemente em Londres, deve chegar dentro de algumas semanas a Hollywood para cumprir o recente contrato que assinou com a Metro.

Jeannette Mac Donald que foi já escolhida para ser a *leading lady* de Ramon Novarro em *The Cat and the Fidle*, deve ser também a intérprete da nóva versão da famosa *Viuva Alegre*, que aquela mesma empresa realisou há anos com Mae Murray na protagonista e John Gilbert no *principe Danillo*. Conquanto não esteja ainda definitivamente assente quem interpretará essa personagem na nova versão, fala-se em Clark Gable para esse papel.

Os últimos romances de amor das vedetas de cinema

Entre os mais entusiasticos e recentes romances de amor da colónia cinematográfica de Hollywood contam-se os seguintes, alguns dos quais são pronuncios seguros dum proximo enlace:

Ernst Lubitsch, o famoso ensceneador acompanha por toda a parte a gentil Jocelyn Lee; Raquel Torres, a interessante mexicana e Gene Raymond, o galã de *Criada de Confiança* e *Damas do Presidio*, são companheiros inseparaveis; Ginger Rogers está sendo vista com desusada frequência com o célebre produtor e multimilionário Howard Hughes, o homem que financiou *Anjos do Inferno, Diabos do Ceu* e *Scarface*.

Em idênticas circunstâncias se acham Gary Cooper e Wera Engels, a jovem artista alemã agora trabalhando nos estúdios americanos; Jean Harlow e Fred Booth, jovem e riquíssimo proprietário canadiano; Dorothy Jordan e Meriam C. Cooper, um dos animadores de *Chang* e *Rango*; Virginia Cherrill, a «cega» de *Luzes da Cidade* e Gary Grant, o nôvo galã da Paramount, etc.

Estelle Taylor ganha um processo e 20.000 dólares

Estelle Taylor acaba de ganhar a acção de perdas e danos que intentara contra Frank Joyce, cujo carro chocou com o daquela vedeta na vespera de Natal de 1931, ficando sériamente ferida, pelo que se viu obrigada a guardar o leito durante o Natal e o Ano Bom. O tribunal decidiu dar o acidente como provado, condenando Frank Joyce a pagar a Estelle Taylor uma indemnisação de vinte mil dolares.

Flashes

Joan Crawford, segundo ela propria afirmou, pediu o divórcio de Douglas Fairbanks Jr. devido á «crueldade mental» demonstrada por êste durante o seu matrimónio.

■ Ao contrário do que se chegou a dizer, foi com a Paramount e não com a Fox que Marlene Dietrich assinou um nôvo contrato antes de ter partido para a Europa.

■ Rex Bell, o simpático esposo de Clara Bow está interpretando um *western* intitulado *Fighting Texans*.

■ Lita Grey Chaplin, a celebrada ex-mulher de Charlie, depois de ter aparecido durante algum tempo no «music-hall», vai fazer a sua estreia no fonocinema interpretando filmes de curta metragem.

■ Elissa Landi, que vimos nos filmes *De corpo e alma* e *Passaporte Amarelo*, é a protagonista do filme da Fox *I Love You Wednesday*, do qual fazem parte tambem Warner Baxter e Miriam Jordan, os dois interpretes de *Seis horas de Vida*.

■ Annette Kellerman, a famosa nadadora que foi a intérprete de alguns filmes, entre os quais *Filha do Mar*, que fez grande sensação entre os frequentadores do Condes de há uns quinze anos, vai voltar ao cinema.

■ No filme *Pleasure Cruise* faz a sua estreia Hal Le Sueur que é nem mais, nem menos que o irmão de Joan Crawford, cujo nome verdadeiro é, como se sabe, Lucille Le Sueur.

■ Katharine Hepburn, Douglas Fairbanks Jr., Adolphe Menjou e Mary Duncan são os intérpretes do filme da Radio *Morning Glory*, que Lowell Sherman dirige.

■ Merna Kennedy, que foi a *partenaire* de Charlie Chaplin no *Circo*, e que vimos, depois, em *Broadway*, vai casar-se com Busby Berkeley, professor de baile de Hollywood.

■ Dirigido por Mervin Le Roy, Marie Dressler, Wallace Beery, Maureen O' Sullivan e Robert Young estão interpretando o filme da Metro *Tugboat Annie*.

■ A distribuição de *Casanova*, que Henry Fescourt está presentemente dirigindo, inclui os nomes de Ivan Mosjoukine no personagem que creara já no «silencioso», Marguerite Moreno, Saturnin Fabre, Colette Darfueil, Annie Ducaux, Larquey, Emile Drain, Pierre Moreno e Victor Vina.

■ O nôvo filme de Ernst Lubitsch para a Paramount, intitulado *Design for Living*, tem por interpretes principais Frederic March, Miriam Hopkins e Robert Montgomery, cedido pela Metro.



TODA A CORRESPONDÊNCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DEVE SER DIRIGIDA A *DR. CELULOIDE,* : : *R. DO ALECRIM, 65-LISBOA* : :

Correio dos Cinéfilos

NUMIDIO — *Lisboa* — Como lhe prometi, dou-lhe a segunda e ultima dose de endereços que no seu postal me pedia. São elas Suzy Vernon. 2, rue Catulle Mendes, Paris; Marie Bell, 158 Boulevard Malesheres, Paris; Marie Glory, 37, rue Pergolèse, Paris. — E agora, que já temos o primeiro postal liquidado, volte a escrever-nos quando quiser. Mas um favor lhe peço: é o de ser mais modesto nas suas preguntas...

FANTOMAS — *Lisboa* — Todos êsses dados biográficos sôbre os artistas que indica virão a seu tempo. — Quanto á organização dêsses espectáculos fazem parte do nosso programa. Mas Roma e Pavia... Aguarde a oportunidade, que não vem nada longe. — Então o amigo acha interessantes, essas *coisinhas?* Com franqueza lhe digo que nesse ponto não es amos de acôrdo. Isso é bom para o ornais provincianos, ou quási... Não pensâmos por isso em criar uma secção dêsse género. Há tanta outra coisa de interêsse para os leitores!

FRANKENSTEIN — *Lisboa* — Então como vai o *monstrozinho?* Veja lá não tenha êle ciumes da Kathe; olhe que o caso não é para brincadeiras!... — A sua simpática Kathe von Naggy é hungara; nasceu a Szatnar, em 4 de Abril de 1908. Está casada há 4 anos com Constantin David, o realisador do *Barco de Vidro*, onde ela entrava também. A sua morada é em Winklerstrasse, 1, Berlim — Grünewald. Pode escrevêr em francês ou alemão. — *Ronny, Loucura de Monte Carlo* e *Amorosa Aventura. Eu de dia e tú de noite* é o ultimo filme que dela vimos. Era uma pelicula interessantissima e Kathe estava nela encantadôra. — Arquivei como me pediu, a sua morada.

TRIPEIRINHA — *Pôrto* — Creia que me dá um grande desgôsto com o que diz na sua carta. E tanto mais por ser a única a dizer-me uma coisa dessas. Se a razão da mudança foi exactamente o conselho da grande maioria, que nêsse sentido nos escreveu!... Para nós, como poderá compreender era-nos absolutamente indiferente que fôsse uma ou outra côr. — Charles Boyer, êsse actor extraordinário que por certo não deixou de vêr ai em *«Imperatriz e Eu»*, mora no 6, rue de Dante. Paris, 5.e. — Quási posso dar a certeza que se lhe pedir, lhe mandará um retrato; no entanto não deixará de ser conveniente enviar com o pedido uns cinco francos, em sêlos por exemplo, para as despezas de correio. — Carmen Boni vive em França mas está momentâneamente afastada dos estúdios. Raoul Roulien está na sua terra, o Brasil, desde há alguns meses. — Experimente escrevêr a Cottinelli nesse sentido. E' capaz de lhe fazer o mesmo. Mas não é por mal, estou certo... E creia que estranharia já se a não visse com assiduidade frequentar o meu *consultorio* encantadora *Tripeirinha*...

DUQUE DE CHAMELACE — *Lisboa* — Você continúa a sêr amigo. A sua critica á nossa revista desvaneceu-nos. Quanto á adaptação dêsses nómes, são tão caracteristicos, quási vulgares, mesmo, na linguagem cinematográfica, que dispensam bem tradução. Evidentemente se se passassem a usar por sistema, em todas as outras secções, então haveria toda a razão nas suas palavras. Assim não; não lhe parece? — Vou inserir na secção respectiva o teu desejo. — E com a mesma sinceridade, retribuo o teu abraço. Espero que não deixes de voltar a dar-me os teus, sempre tão interessantes, juísos. Até breve.

TARZAN — *Lisboa* — Lamento bastante não lhe poder satisfazer o seu pedido, mas tal é-me impossível, pois que essas fotografias fazem parte da nossa colecção privativa, e como tal não lhas podemos vender. — Para obter fotografias peça-as ao artista, ou de fórma mais prática, comprando-as nas tabacarias. — Para qualquer outro assunto estou sempre ás suas ordens. Escreva pois, quando quizer.

LEONARDO SABINO — *Elvas* — Entre os principais filmes que a U. F. A. produziu esta época contam-se *I. F. 1 não responde, Eu de dia e tú de noite, A Imperatriz e Eu, Sonho Dourado, Quick o Palhaço, O concerto Real de Sans Souci, Estupefacientes, Rivais da Pista, A Bela Aventura*, etc. — Sou da sua opinião, quanto aos belos olhos de Brigitte Helm. — E, retribuindo-lhe o seu abraço, só tenho a dizer-lhe que estou sempre ao seu dispôr.

ESTUDANTE X — *Coimbra* — António Ribeiro agradece-lhe as suas palavras — Eram efectivamente Jean Harlow e Anny Ondra. Já retifiquei o seu pseudonimo. A's suas ordens.

CINEFILO'S KING — *Lisboa* — O nome do artista que tanto o tem intrigado é Pierre Etchepare; é um cómico interessante. — Eu por mim não acreditei nessa tal noticia sôbre a Jeanette Mac Donald; estou convencido que foi um *truc* posto em prática pelo seu chefe de publicidade. — Gostava então de conhecer o Dr. Celuloide? Afinal é perfeitamente escusado, depois do retrato que dêle fez e que está parecidissimo: careca, olhos vermelhos, nariz adunco, um bigode em vassoura, pêra de mosqueteiro, etc. E' espantoso, como o meu amigo acertou! — E volte a escrever-nos quando quizer, pois tenho sempre grande prazer em o ler. Retribuo-lhe o seu abraço.

DUQUE DE NEUBABELSBERG — *Porto* — Tem paciência, mas começo por te dizer que não tens razão no que dizes a respeito dêsses artigos. E de todos, se há um que menos mereça o que afirmas, êsse é um dêles. — Para a *menina* Marcelina Monteiro, como tú dizes, endereça para a Avenida de Liberdade 141, 1.° — Podes escrever a Gerda ao cuidado da U. F. A., Krausenstrasse, 38-39 - Berlin W 19 — Acredito sinceramente nos teus honestos intuitos e nos teus meios de fortuna, mas não te posso dar para o efeito a morada da minha filha mais nova — a minha adorada Brigida — pois que se casou na semana passada com um americano riquissimo. Tem paciência; e não chores porque te pode fazer mal. — Na Posta Restante faço o teu pedido. E até á proxima.

LIDIA WALCAMP — *Tomar* — Não suponha uma coisa dessas. Isso era julgar mal o Dr. Celuloide, que afinal tem sempre muito prazer em responder a todos os seus consulentes, jámais quando se trata duma tão gentil leitora. Não volte a pensar nisso. — Douglas Fairbanks Jr. nasceu a 9 de Dezembro de 1910. E' filho de Douglas e da primeira mulher deste, Beth Sully. Está há dois mêses separado de Joan Crawford, com quem tinha casado a 3 de Junho de 1929. Não teem filhos. — Douglas Jr. estreou-se em 1924 no filme *Stephens Steps Out*. O seu ultimo filme intitula-se *Captured!* — O seu endereço é First National - Warners Studios, Burbank, Calif. — E agora, já sabe: quando quizer alguma informação escreva logo ao Dr. Celuloide.

DR. CELULOSE — *Porto* — Continúo a lêr as suas cartas com sincero interêsse. Você dá mostras de ser um cinéfilo como a grande maioria infelizmente, o não é: observadór inteligente, critico interessante, e cinéfilo comedido. — Presumo que a esta hora já tenha ai visto *24 horas*. — Concordo absolutamente consigo; o realisador é a verdadeira vedeta de qualquer filme, incontestavelmente — Kathe von Nagy está casada com Constantin David. E' em bôa verdade uma rapariga encantadóra; viva, graciosa, insinuante, Kathe é uma artista bem interessante. — Escusado será voltar a dizer-lhe, caro *colega*, que a sua presença me é muito agradável. E obrigado pelo seu Lewis Stone...

UM PECADO — *Lisboa* — Que pecados terá o senhor cometido? Devem ter sido frescos, para ser o primeiro a confessar-se... Tanto para Lu Marival, como para Dea Silva e Carmen Santos enderece Cinédia — Stúdio, rua Abilio 26, Rio de Janeiro. — Na Posta Restante vem hoje o que me pede. Escreva sempre, seu pecadór.

JULIO DE MAGALHÃES — Sensabilizaram-nos as suas tão boas como justas palavras. Quanto a esse reparo que faz não tem razão de ser, porquanto qualquer dessas revistas estranjeiras é feita em rotogravura, e portanto com maiores vantagens. — E' muito bem visto o que me diz das raparigas portuguesas; é na verdade e infelizmente, assim mesmo. — Felicito-o pelas suas qualidades de ótimo fotógrafo. A foto que teve a amabilidade de nos oferecer é impecável de composição e iluminação. E volte a escrever-nos, pois dar-nos-á com isso muito prazer.

MARY — Para Charles Boyer enderece para 6, rue de Dante, Paris 5.°

OHNIDOG — *Leiria* — Esse desconto não é possível. Mas o amigo tem uma maneira de salvar a situação: é começar a sua assinatura a partir do numero que tiver. Assim é a melhor solução do caso.

DIDI, A FADA DO BOSQUE — *Lisboa* — O Dr. Celuloide ficou encantado com as palavras tão gentis que a simpatica Didi lhe dedicou. Como é amavel! — Laurel e Hardy, com quem tanto simpatiza, são de nacionalidades diferentes: o gordo é americano, e o magrinho é inglez. Enderece a carta para êles para a seguinte direcção: Hal Roach Studios, Culver City, Calif. — Duvido que mandem fotografias gratis. No entanto experimente — E agora Didi, não deixe de voltar a escrever ao seu amiguinho não? Cá a espero para a semana...

UM ADMIRADOR DE W. HAINES — Braga — Não é só o meu amigo que tem William Haines na conta dum dos melhores comediantes americanos. Nós também de há muito já que apreciamos o seu real talento. E' uma autentica *personalidade*. — Estreou-se no cinema em 1921 no filme da Velha Goldwin *Three Wise Fools* (Trez Doidos com Juizo), que alguns anos depois vimos no Odeon. — E' natural de Stanton, estado de Virginia, onde nasceu a 1 de Janeiro de 1900. Tem 1,m79 e está solteiro. — Enderece para Metro Goldwin Mayer Studios, Culver City, Calif.

JOÃO DA SILVA — *Pombal* — Para fazer a assinatura de «Animatógrafo», que pode, naturalmente ser feita a partir de qualquer número, basta que envie um postal à administração com a indicação do periodo por que deseja receber a nossa revista. Como vê, não há nada mais simples...

DR. CELULOIDE

Posta Restante

LE PRINCE CHARMANT, de Lisboa, desejaria corresponder-se com *Mary Ligh* não só sôbre cinema, como também para falarem de Evora, cidade que conhece muito bem. Basta escrever por nosso intermédio.

DR. OX, nosso leitor lisboeta, sentir-se-ia satisfeito se as leitoras de «Animatógrafo», que sejam novas e bonitas (todas, afinal!) acedessem a com êle trocar correspondência por intermédio do Dr. Celuloide. A's que lhe mandarem as cartas mais interessantes oferece postais de cinema.

MAIS LINDO QUE RAMON NOVARRO, vivendo em Lisboa, interessar-lhe-ia estabelecer correspondência com leitoras da nossa revista, sôbre assuntos de cinema.

DUQUE DE NEUBABELSBERG, leitor portuense, teria enorme prazer em se poder corresponder por nosso intermédio com *Tripeirinha*.

ESTUDANTE QUE NUNCA AMOU — deseja corresponder-se com leitoras lisboetas, de 15 a 18 anos.

UM PECADOR, de Lisboa, deseja corresponder se com leitoras de «Animatógrafo», de 15 a 25 anos.

TRIPEIRINHA — Tenho para si uma carta do *Duque de Chamelace*; diga me como lha hei-de fazer chear às mãos.

CONSTANCE, JOAN E JEAN

(*Conclusão da pag. 9*)

ção para o sexo frágil do que uma rapariga que etnha á sua custa alcançado fama e fortuna.

Joan é extraordináriamente volúvel. O seu temperamento inquieto, animôso. dinamico não lhe consente conservar por muito tempo uma mesma amisade Assim teve já, sucessivamente, por amigas dilectas Ann Harding, Marlene Dietrich, Claudette Colbert, Constance Bennett... Agora a sua grande amiga é uma sua antiga rival de estúdio: Norma Shearer.

Quando Marlene Dietrich chegou a Hollywood, a sua primeira grande amiga foi Joan. Era uma assídua frequentadora do palacete de Joan. Depois essa amisade esfriou um pouco porque apesar de Marlene, sempre que tinna oportunidade, tecer os maiores elogios a Joan, sentiu-se ofendida por Joan ter dito numa entrevista que tinha Greta Garbo como a sua artista favorita!... Também se disse que a camaradagem entre Claudette Colbert e Joan Crawford tinha arrefecido consideràvelmente por ocasião dumas curtas férias em Palm Springs em que Joan não fôra bastante gentil para com Claudette!

Não é também segredo para ninguem que ultimamente a sua amisade com Mary Pickford não tem sido muio cerrada.

Uma colega de Joan que com ela conviveu algum tempo disse de Joan uma vez: «Fui a sua mais intima amiga durante a semana passada; pois agora nem sequer responde às minhas chamadas telefónicas...»

Contudo, só quem a conhecer muito superficialmente fica a pensar mal dos seus processos de amisade. Embora o seu extranho temperamento lhe exija constante mudança não só de amisade, como de lugares e de coisas, ela é, no entanto, uma amiga sincera e devotada.

Instintivamente ao contrário do que se dá com Joan, nenhuma mulher gosta de Constance Bennette. Por qualquer razão, parecem odia-la. Algumas dessas pessôas que não simpatisam com ela chamam lhe irritante, vaidosa, grosseira... No entanto, a-pesar-do que dela dizem, Constance quando é amiga de verdade é o para sempre. As suas mais intimas amigas são: Eileen Percy, Mrs. George Fitzmaurice, Marion Davies, a jornalista Adele Rogers St. Johns, sua irmã Joan e Joan Crawford. Ninguem dúvida que aos sessenta anos Constance conserve ainda essas mesmas amisades.

E' a franqueza personificada.

Como é uma amiga sincera de Joan Crawford, não teve dúvida certa vez, de a censurar pelo seu excessivo «maquillage», que só a prejudicava, afinal. As suas relações de amisade com Adele St. Johns provieram dum artigo em que esta criticava asperamente Constance pela maneira falsa como ela tinha delineado determinada personagem num dos seus filmes. Outra que fôsse teria excomungado aquela escritôra. Constance, pelo contrário, porque achou sincero, e até certo ponto justo, aquele reparo, não descançou em quanto a não conheceu; hoje, como se disse, é uma das suas amigas intimas!...

Uma vez ofereceu a um hospital de Los Angeles uma importante doação. Pois porque o médico, casualmente, se referiu em público a êsse seu gesto, ficou furiosa. Uma outra ocasião, sabendo que uma velha artista se encontrava em sérias dificuldades financeiras mandou o seu *chauffeur* num taxi — e não no seu carro para que se não soubesse a quem pertencia — com um envelope com quinhentos dólares dentro.

Apesar-de ter fama de muito pretenciosa, Constance Bennett é para os seus intimos uma pessôa encantadora, que todos adoram pela sua sinceridade e simpatia.

Se o sentimento das mulheres americanas por Joan Crawford é o de admiração e por Constance Bennett, é quási o de aversão, por Jean Harlow, pelo contrário é o *mêdo* que domina.

As mulheres temem o *sex-appeal* de Jean!

Já ouvi dizer a algumas mulheres coisas como esta: Quando soube que Jean Harlow estava convidada para uma reunião onde eu me encontrava, com meu marido, não mais o larguei e só me senti tranqüila quando o consegui levar para casa...»

Jean conta nas suas amisades muito poucas personalidades do cinema. Ela subiu ràpidamente. A sua carreira sendo das mais brilhantes, tem sido também das mais rápidas. Por isso quási não tem tido tempo para arranjar amisades entre a gente do cinema.

Um caso bem curioso passa-se com Jean. A-pesar-do que a seu respeito se diz, das suas faculdades de tentadora, o que bastaria para a afastar, as suas maiores amisades contam-se entre os *casais jóvens*, quer de gente do cinema quer de outros que com êste nada têm!

Jobyne Ralston e seu marido Richard Arlen, Sue Carol e Nick Stuart, são algumas das suas mais intimas relações...

Há cerca de dois meses Jean passava todas as terças e sextas-feiras disponíveis na maternidade da Assistance League, nessa organisação mantida exclusivamente pela colónia cinematográfica...

A despeito da sua reputação de terrível tentadora, de possuidora de irresistível *sex-appeal* nunca ouvi dizer que ela tivesse roubado o marido a ninguem...

NANCY PRYOR

ANIMATOGRAFO ANO I NÚMERO 10
Lisboa, 5 de Junho de 1933
PUBLICA-SE TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

Director: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO — Secretário da Redacção: FÉLIX RIBEIRO — Editor: JOÃO PEREIRA E SOUSA
Redacção, Administração e Composição: Rua do Alecrim, 65 - Impressão: - Rua da Luta, 1-A, 1-B e 1-C, em Lisboa - Gravuras de BERTRAND IRMÃOS
Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL ABC, Ltd. — TELEF. 2 1276 — Publicidade a cargo de HUMBERTO BORGES DE CASTRO

ASSINATURAS: (Continente e Ilhas) — Três mêses, 16$00 — Seis mêses, 31$00 — Um ano, 62$00. (Para os assinantes, cada número custa sómente 1$20)
ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA — Preço 1$50

Proteja a saúde da sua família instalando em sua casa um

GENERAL ELECTRIC

Refrigerator



A marca GENERAL ELECTRIC é a melhor garantia de boa qualidade dum aparelho electrico

Os alimentes sempre em perfeito estado de conservação

Gêlo, sorvetes, saladas de frutas, etc.

O armário frigorífico simplificado

uma simples tomada de corrente basta

O Refrigerator automáticamente fará o resto

Concessionário geral para Portugal e Colónias

Sociedade Ibérica de Construções Electricas, Lda.

Praça Luiz de Camões, 36-1.º Dt. — LISBOA — Telef. 2 5347

Em exposição e venda na

Antiga Casa JOSÉ ALEXANDRE, Rua Garrett, 8 a 18



FRANCHOT TONE, CAUSA PRESUNTIVA DO DIVÓRCIO CRAWFORD–FAIRBANKS JR.

Hollywood, sempre ávida de escândalo, anda a dizer, à bôca grande, que o «casus dívorcii» da separação de Joan Crawford e Douglas Junior foi êste cavalheiro, chamado Franchot Tone, e que, aqui para nós, é muito pior que o ex-marido da linda Circe americana. A verdade é que, desde o infausto acontecimento, Joan anda por toda a parte com o galã que se indigita como sucessor de Clark Gable no pináculo da M.G.M.



MARTHA EGGERTH CAÍU NA BOA GRAÇA DO PÚBLICO PORTUGUÊS DESDE A SUA APARIÇÃO EM «UMA CANÇÃO, UM BEIJO, UMA MULHE
VAMOS VOLTAR A VÊ-LA NUMA OPERETA DELICIOSA «DIPLOMATA PARA SENHORAS» AO LADO DE MAX HANSEN E DE LEO SLEZ